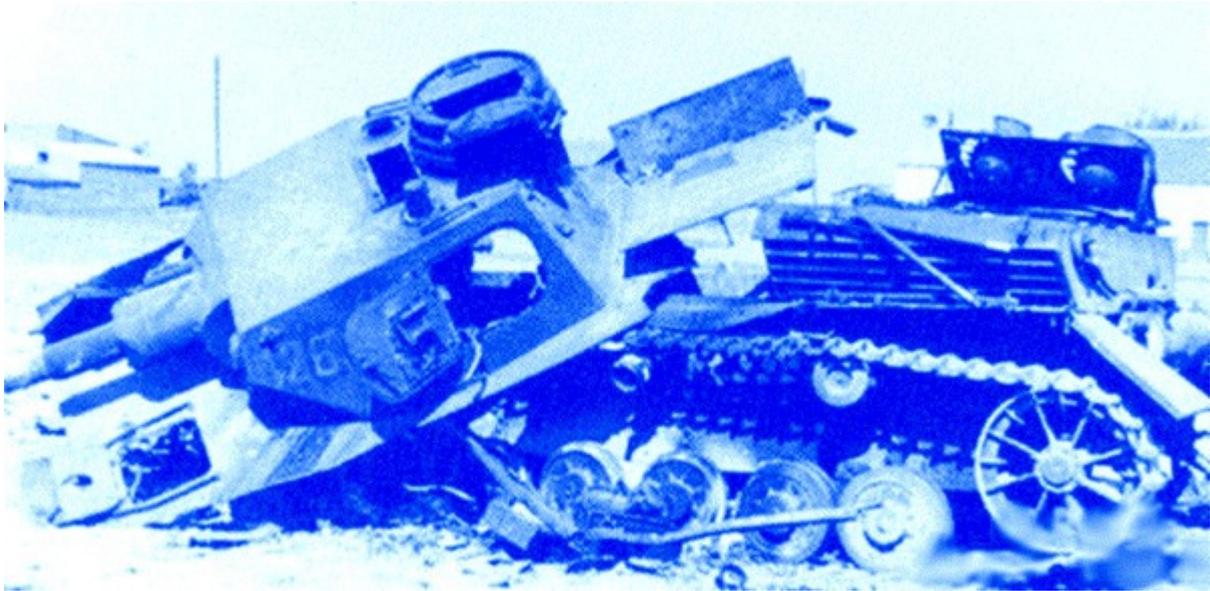


A BATALHA DE GEMBLoux

Por Reinaldo V. Theodoro



Panzer IV do 35º Regimento Panzer destruído por fogo de artilharia próximo a Gembloux.

Durante a desastrosa campanha de 1940, o Exército francês sofreu a mais humilhante derrota de todos os tempos e, possivelmente, a maior catástrofe militar sofrida por uma grande potência em toda a História. Por conta disso, o Exército francês (para não dizer a própria França) foi estigmatizado por uma imagem de falta de combatividade e incompetência. E, embora seja excessivamente simplista atribuir tamanho fracasso a esses fatores, houve um momento – um extraordinário momento – em que as forças francesas demonstraram o seu melhor e que poderiam ter dado outro final a essa campanha se as circunstâncias não estivessem contra elas desde o início. Este momento foi a Batalha de Gembloux.

A Batalha de Gembloux ocorreu nos dias 14 e 15 de maio de 1940, na região da chamada “Brecha de Gembloux”, na Bélgica. Durante poucos dias, as poderosas divisões Panzer se bateram contra as melhores divisões mecanizadas francesas, num embate blindado que envolveu mais de 1.000 tanques, a maior batalha de blindados até então na História. E o resultado foi uma notável – e inútil – vitória francesa, com os alemães sofrendo perdas extremamente pesadas diante do superior equipamento francês.

O Plano Dyle

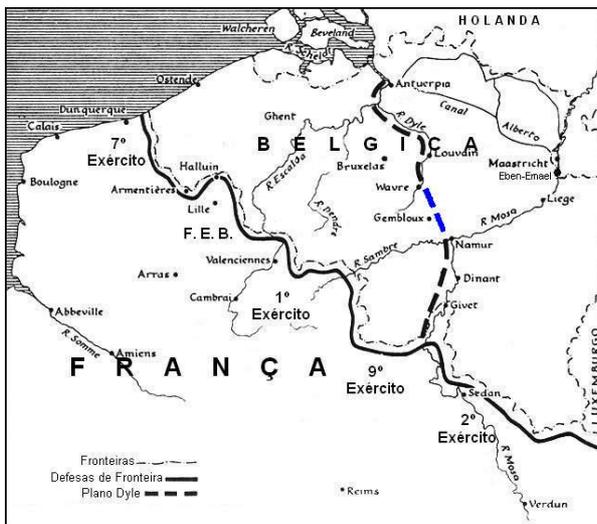
Em setembro de 1939, os Estados-Maiores-Gerais aliados (britânico e francês) haviam aperfeiçoado um esquema conhecido como “Plano Dyle” (nome de um rio belga) ou, simplesmente, “Plano D”. Seu planejamento se baseava na

pressuposição de que, como acontecera em 1914, os alemães avançariam através da Bélgica quando atacassem no ocidente. Isso se deveu a um raciocínio perfeitamente lógico, pois todas as outras opções eram muito piores. Um avanço ao norte do Canal Alberto, através da Holanda, além de ser prejudicado por numerosos grandes rios, era o caminho mais longo para atingir a França. A região imediatamente ao sul de Namur era o terreno acidentado e boscoso das Ardenas, com sua rede de estradas limitadas e cortado pelo rio Mosa, com suas margens íngremes. A partir de Montmédy e até a fronteira suíça, se estendia a famosa “Linha Maginot”, um grande complexo de fortificações. Portanto, era uma conclusão óbvia que os alemães teriam que atravessar o terreno suave e adequado a tanques que a Bélgica lhes proporcionava.

O “Plano Dyle” determinava que as forças anglo-francesas, então concentradas na fronteira franco-belga, penetrariam na Bélgica para ocupar uma linha baseada no rio Dyle. Dessa forma, os aliados teriam uma linha mais curta e defensável e manteriam a guerra fora do solo francês, garantindo a segurança das grandes cidades industriais e minas do norte da França. Como resultado inevitável desse raciocínio, as forças mais poderosas, móveis e modernas dos aliados marchariam para a Bélgica, deixando ao sul de Namur forças mais modestas.

No entanto, entre o íngreme Mosa e o fortificado Dyle havia uma região que não contava com nenhum curso d’água ou acidente de terreno significativo: a chamada *Trouée de Gembloux* (“Brecha

de Gembloux”), um setor de 20 a 30 quilômetros que se estendia de Wavre a Namur. Uma planície rural, com numerosas cidades, grandes fazendas e vários bosques, um terreno ideal para a guerra mecanizada. Gembloux, no centro desse cenário, era uma cidadezinha industrial de 5.000 habitantes e importante centro de comunicações, para onde convergiam duas estradas e duas ferrovias. Apesar do apoio prévio dos belgas e dos holandeses ser fundamental, os aliados não poderiam contar com isso, pois, em função de suas neutralidades, aqueles países não permitiriam a entrada de tropas aliadas em seus territórios antes de um ataque alemão.



O Plano Dyle e a disposição dos aliados. Assinalada em azul está a “Brecha de Gembloux”.

Os belgas, por sua vez, esperavam que suas posições ao longo do Canal Alberto, de Antuérpia a Liège, e no Mosa, de Liège a Namur, seriam capazes de resistir por tempo suficiente para permitir que as tropas francesas e britânicas ocupassem a linha Antuérpia–Namur–Givet (estimava-se que seriam necessários três dias para isso). Suas esperanças repousavam principalmente no complexo de fortificações de Eben-Emael, que guardava os acessos à planície belga entre Liège e Maastricht, na fronteira belgo-holandesa, junto à confluência do rio Maas e do Canal Alberto¹. Nunca se supôs que os belgas defenderiam a linha de canais indefinidamente, prevendo-se que eles recuariam através das posições britânicas e assumiriam posição à sua esquerda.

As Forças Aliadas:

A execução do “Plano Dyle” coube ao 1º Grupo

¹ De fato, Eben-Emael caiu no primeiro dia da invasão, graças a um ousado ataque de planadoristas.

de Exércitos, do General francês Gaston Henri Billotte, que envolveria nada menos que cinco exércitos. Assim que os alemães penetrassem em território belga, os aliados marchariam para ocupar a chamada “Linha KW” (Koningshoikt-Wavre), tendo definidas as seguintes posições do sul para o norte: o 9º Exército francês, o setor Mézières-Namur; o 1º Exército francês, Namur-Wavre; a Força Expedicionária Britânica (BEF – British Expeditionary Force), Wavre-Louvain; o Exército belga, Louvain-Antuérpia; e o 7º Exército francês, Turnhout-Breda, no que ficou conhecido como “Variante Breda” (ao norte do 7º Exército, estaria o Exército holandês, defendendo a chamada “Fortaleza Holanda”). O 7º Exército, originalmente destinado a ser a reserva estratégica, foi enviado para a extremidade norte da linha aliada, bem longe de onde poderia ter sido realmente útil.

Assim, 94 divisões francesas, 10 divisões britânicas e 24 divisões belgas confrontariam os alemães numa linha de 160 quilômetros, baseada em barreiras fluviais e enrijecida por fortificações que atravessavam toda a Bélgica de norte a sul e penetrava na Holanda.

Assim sendo, a formação aliada diretamente responsável pela defesa da “Brecha de Gembloux” seria o 1º Exército francês, do General Georges Blanchard. O 1º Exército era constituído pelos 3º, 4º e 5º Corpos de Exército, além do Corpo de Cavalaria.

O 3º Corpo era formado pela 1ª Divisão de Infantaria Motorizada (DIM²) e pela 2ª Divisão de Infantaria Norte Africana (DINA³). O 4º Corpo era formado pela 15ª DIM e pela 1ª Divisão Marroquina (DM⁴). O 5º Corpo contava com a 12ª DIM, a 5ª DINA e a 101ª Divisão de Infantaria de Fortificação (DIF⁵). Blanchard ainda poderia contar mais tarde com a 1ª Divisão Blindada da Reserva (DCR⁶), equipada com cerca de 70 tanques pesados Char B.

Mas o principal contingente de Blanchard era o Corpo de Cavalaria. Unidade de elite que atuaria como a ponta de lança de seu Exército, ele era formado pelas 2ª e 3ª Divisões Ligeiras Mecanizadas (DLM⁷). A 2ª DLM era uma divisão muito bem treinada, que participava de manobras em larga escala desde 1935, incluindo penetrações profundas na retaguarda inimiga, coordenação interarmas e cooperação ar-terra. A 3ª DLM, por outro lado, havia sido constituída em fevereiro de

² *Division d'Infanterie Motorisee.*

³ *Division d'Infanterie Nord-Africaine.*

⁴ *Division Marocaine.*

⁵ *Division d'Infanterie de Forteresse.*

⁶ *Division Cuirassée de Reserve.*

⁷ *Division Légère Mecanique.*

1940 e era formada, na maior parte, por reservistas da cavalaria que só se viram dentro de um tanque pouco tempo antes de entrar em combate, com exceção de alguns oficiais oriundos das 1ª e 2ª DLM.

Cada DLM tinha duas Brigadas Ligeiras Mecanizadas⁸, um regimento de reconhecimento e um de artilharia. Seu efetivo nominal era de 10.400 homens e 3.400 veículos, incluindo 190 tanques, dos quais 96 eram o formidável SOMUA S-35. Ao todo, o Corpo contava com 176 S-35, 238 tanques leves Hotchkiss H-35, 66 autometralhadoras AMR 35 e 88 carros blindados Panhard 178. A 3ª DLM, em particular, tinha o equipamento todo novo e o 11º Regimento de Dragões Motorizados (RDP⁹) era equipado com o novo Hotchkiss H-39. Além disso, essa divisão recebeu o reforço de um grupo de artilharia de campanha de 75 mm e dois de artilharia AA, sendo um com canhões de 25 mm e outro de 75 mm, destacados do comando do Corpo.



General Georges Maurice Jean Blanchard (1877-1954). Blanchard recebeu a Grande Cruz da Legião de Honra no início de junho de 1940, em razão da obstinada resistência do 1º Exército em Lille, o que permitiu a retirada de Dunquerque.

O moral entre as tropas do 1º Exército era alto, baseado na confiança em seu equipamento e em seus líderes. As tropas norte africanas e marroquinas eram unidades de elite da ativa, com históricos de serviço nas colônias francesas e contando com oficiais experientes. A 2ª DINA havia até participado da breve operação no Sarre em setembro de 1939. Todas estavam com efetivos completos, embora faltassem canhões antitanques de 25 mm, canhões antiaéreos e cavalos na divisão marroquina. A 101ª DIF, por outro lado,

⁸ *Brigade Légère Mécanique.*

⁹ *Régiment de Dragons Portés.*

era uma unidade da “Série B” (ou 2ª reserva), formada por reservistas mais velhos.

O 1º Exército teria que marchar cerca de 100 quilômetros a partir da fronteira franco-belga até suas posições previstas. Uma vez estabelecido no terreno, o 1º Exército defenderia um setor de 30 quilômetros que, acreditava-se, teria defesas preparadas pelos belgas. A única preocupação de Blanchard era com relação à aviação alemã: ele temia que suas tropas marchando em campo aberto constituíssem um alvo ideal para a ela. Em função disso, ele decidiu marchar somente à noite (posteriormente, diante da rapidez do avanço alemão, ele se viu forçado a prosseguir à luz do dia).

A doutrina francesa era essencialmente defensiva, já que a dolorosa experiência da Grande Guerra demonstrara que o poder de fogo dominava o campo de batalha e, portanto, deveria caber ao atacante o ônus das maiores perdas para desalojar um defensor bem instalado. A defesa, por sua vez, tinha que ser em profundidade, mantendo forças móveis afastadas da linha de contato para evitar a artilharia inimiga e para eliminar eventuais penetrações na linha principal por blindados inimigos. Uma divisão de infantaria em postura defensiva em terreno aberto dependia essencialmente da artilharia, que deveria aplicar seu poder de fogo sobre concentrações, tropas atacantes e baterias de artilharia inimigas. A frente ideal de uma divisão em terreno aberto devia ter de 6 a 7 quilômetros de largura por 5 de profundidade. Comandos mais elevados dispunham de batalhões de tanques para apoio à infantaria. As divisões da ativa tinham treinamento e equipamento para enfrentar ameaças de blindados e da aviação. A doutrina francesa previa ainda o emprego de aviões de reconhecimento e observação, aviação de caça para controlar o espaço aéreo e, oportunamente, forças de bombardeiros.

Caso Amarelo:

A 19/10/39, o General Franz Halder, Chefe do Estado-Maior do Exército, apresentou a Hitler o primeiro plano para a invasão do Ocidente, chamado de *Fall Gelb* (Caso Amarelo). Ele nada mais era que uma reedição do Plano Schlieffen, adotado pelos alemães no início da Grande Guerra, mas com objetivos menos ambiciosos, prevendo uma guerra longa.

Paralelo a isso, o Chefe do Estado-Maior do Grupo de Exércitos “A”, General Erich von Manstein, sugeriu um plano alternativo, em que o grosso das forças alemãs atravessaria a região das Ardenas, cruzando o rio Mosa em Sedan. No entanto, o Estado-Maior alemão não apenas recusou o plano como ainda transferiu Manstein para o co-

mando de um Corpo de infantaria na Prússia. A despeito disso, Manstein encontrou-se com Hitler a 17/02/40 e contou-lhe seu plano. Hitler, que nunca estivera satisfeito com o plano original, adotou-o entusiasticamente e o novo plano foi publicado a 24/02/40, a despeito da feroz oposição de muitos oficiais superiores¹⁰.

O novo plano preconizava que o esforço principal caberia ao Grupo de Exércitos "A", do General Gerd von Rundstedt, que deveria atravessar as Ardenas, cruzar o Mosa entre Sedan (na França) e Dinant (na Bélgica) e estabelecer cabeças de ponte destinadas a avançar para o Canal da Mancha, cercado as forças aliadas na Bélgica. Com a destruição de grande parte das forças aliadas, incluindo as suas melhores divisões, a conquista da França seria muito facilitada.

Sob o comando de Rundstedt estavam os 4º, 12º e 16º Exércitos, totalizando 44 divisões, 7 das quais blindadas (das 10 existentes).

No entanto, como era essencial a toda a operação que os aliados entrassem na Bélgica, era necessário que este país fosse invadido em força e essa seria a missão do Grupo de Exércitos "B", do General Fedor von Bock, formado pelos 6º e 18º Exércitos, que somavam entre si 29 divisões, sendo 3 Panzers. A força destinada a atravessar a Bélgica e penetrar na "Brecha de Gembloux" seria o 6º Exército, do General Walther von Reichenau.

O 6º Exército era formado pelos 4º, 9º, 11º e 27º Corpos de Exército e pelo 16º Corpo Motorizado¹¹. A este último, comandado pelo General Erich Hoepner, caberia a missão de romper a linha aliada na "Brecha de Gembloux" antes que as divisões de infantaria francesas pudessem se entrincheirar, atraindo para si as reservas blindadas francesas para fora do caminho do esforço principal mais ao sul.

Hoepner contava com as 3ª e 4ª Divisões Panzer, unidades de elite, veteranas da campanha polonesa. Cada uma contava com uma brigada de tanques (com dois regimentos), outra de infantaria motorizada e um regimento de artilharia.

A 10/05/40, a 3ª Divisão contava com 117 tanque-

tes Panzer I, 129 tanques leves Panzer II, 42 tanques médios Panzer III, 26 tanques pesados Panzer IV e 27 tanques de comando (*Befehls-panzer*). A 4ª, por sua vez, somava 152 Panzer I, 111 Panzer II, 40 Panzer III, 24 Panzer IV e 27 tanques de comando.



General Walter von Reichenau

A Luftwaffe tinha por missão básica obter a supremacia aérea sobre o campo de batalha e ela tinha os meios, a técnica e a experiência para fazê-lo. Uma vez conquistada a necessária supremacia, ela teria que fornecer apoio cerrado às forças de terra, com ênfase em bombardeiros médios e de mergulho, enquanto os aviões de reconhecimento e observação teriam total liberdade de ação.

Cabia à Luftflotte 2 a missão de apoiar o Grupo de Exércitos "B". A 10/05/40, ela contava com 170 bombardeiros médios e cerca de 550 caças. Além disso, o 8º Fliegerkorps (do General Wolfram von Richthofen¹²) atuou diretamente em apoio ao 16º Corpo, contando com 300 Stukas e 42 aviões biplanos de ataque ao solo Hs 123, além de cerca de 130 caças Me 109. Durante a batalha, outras unidades foram temporariamente anexadas a ela. A doutrina da Wehrmacht em 1940, conhecida como *Blitzkrieg*, pregava o emprego de forças blindadas, as *Panzerdivisionen* (de fato, forças autônomas de armas combinadas, com tanques, infantaria, artilharia e engenharia motorizadas), atacando em frentes estreitas, para obter penetrações através de um esforço concentrado num único ponto (*schwerpunkt*) com o apoio da avia-

¹⁰ A 10/01/40, ocorreu o chamado "Incidente de Meche-len", quando um avião alemão fez um pouso forçado em território belga e entre os seus passageiros estava um major da Luftwaffe que transportava os planos completos de invasão, os quais acabaram nas mãos das autoridades belgas. Afirma-se frequentemente que este incidente levou à mudança do plano, mas uma reedição do *Fall Gelb* datada de 30/01/40 ainda mantém o plano original.

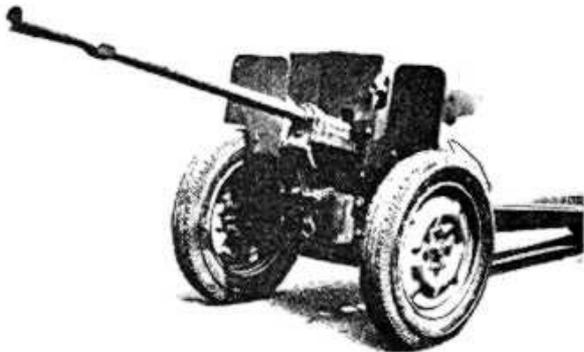
¹¹ Muitas fontes citam "16º Corpo Panzer", mas isso é incorreto. O título "Panzer" só passou a figurar na designação de corpos a partir de março de 1942. O 16º, em particular, nunca se tornou "Panzer".

¹² Primo do ás da aviação da Primeira Guerra Mundial, Manfred von Richthofen, o Barão Vermelho.

ção. Uma vez obtida a penetração, forças móveis avançariam sobre a retaguarda inimiga, desorganizando-a, enquanto a infantaria eliminava os bolsões ultrapassados. Os métodos táticos e operacionais alemães enfatizavam ainda o espírito ofensivo e a iniciativa nos mais baixos níveis de comando.

Armas Francesas:

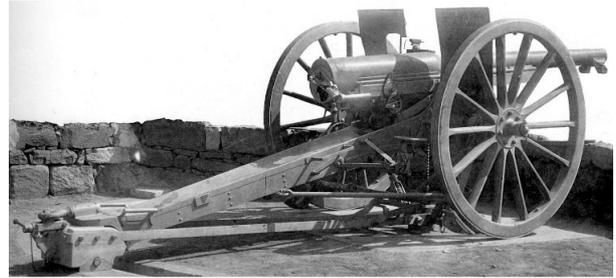
Canhão Antitanque de 25 mm SA-L Modèle 1934 → O *Canon Léger* de 25 mm *antichar SA-L (Semi Automatique-Long) Modèle 1934* era a arma antitanque padrão do Exército francês ao eclodir a 2ª Guerra Mundial, com mais de 3.000 unidades em serviço. Normalmente referido como SA-L 34, ele era pequeno, leve e fácil de camuflar, embora seu peso fosse grande para uma arma de seu calibre. Além disso, ele não tinha munição de alto-explosivo. Podia penetrar 40 mm de blindagem a 400 metros a 0º de inclinação (de fato, podia penetrar qualquer blindado alemão a 800 metros, dependendo do ângulo). Pesava 496 quilos, seu alcance máximo era de 1.800 metros (embora seu alcance efetivo fosse metade disso) e o peso do seu projétil era de 320 gramas.



SA-L 34 de 25 mm

Canhão de Campanha de 75 mm Modèle 1897 → Lançado em 1898, o *Canon modèle 1897* de 75 mm foi a primeira peça de artilharia de campanha moderna da História. Foi nele que, pela primeira vez, um canhão foi dotado de um mecanismo hidropneumático de recuperação do cano, o que mantinha o seu reparo praticamente imóvel durante toda a operação da peça. Com isso, não era necessário mirá-lo novamente após cada disparo, o que permitia que fossem realizados continuamente até 18 disparos por minuto. Ao todo, teve mais de 21.000 unidades produzidas. Tornou-se o canhão regimental padrão do Exército francês e atuou com grande êxito na 1ª

Guerra Mundial. No período interguerras, foi lançada uma versão destinada à tração motorizada, dotada de rodas com pneus (*Canon de 75 mm mle 1897 modifié 1938*), em lugar das rodas originais de madeira. Também teve várias versões antiaéreas e uma antitanque (*Canon de 75 mm mle 1897 modifié 1933*). Por 1939, havia cerca de 4.500 unidades dele em serviço, inclusive nas colônias. Ele pesava 1.544 quilos, tinha um alcance máximo de 9.500 metros e seu projétil pesava entre 5,97 e 7,24 quilos.



Canon de 75 mm mle 1897

H-35 → Em 1935, a Hotchkiss lançou um novo tanque leve para a infantaria, mas ele acabou adotado pela cavalaria francesa em outubro de 1936, tendo cerca de 400 unidades produzidas. Em 1938, o Hotchkiss H-35 recebeu um motor mais potente e foi designado H-35 *modèle 38*. Em 1939, ele foi artilhado com um canhão maior e ligeiramente mais potente, sendo designado H-35 *modèle 39* (540 unidades). Eventualmente, esses modelos ficaram conhecidos, respectivamente, como H-38 e H-39, mas estas não eram designações oficiais. Um dos melhores dentre os modelos franceses, ele equipou as divisões de cavalaria, mecanizadas e a 1ª Divisão Blindada, além de unidades menores de infantaria e de cavalaria. Nos três modelos, teve um total de 1.096 unidades produzidas. O H-35 *modèle 39* era armado com 1 canhão de 37 mm e 1 metralhadora de 7,5 mm, pesava 12 toneladas, tinha velocidade máxima de 36 km/h e sua blindagem máxima era de 40 mm.



H-35

R-35 → Destinado a substituir o FT-17, o *Char Léger modèle 1935-R* foi lançado em 1935 e era o mais numeroso tanque do Exército francês em 1940 (945 deles na França e 125 nas colônias), equipando 21 batalhões. Devido à sua função de apoio à infantaria, ele era bem protegido, mas era demasiado lento, tinha pouca autonomia e seu desempenho fora da estrada era ruim. Além disso, seu canhão não tinha boas características de penetração (no máximo podia engajar um Panzer I ou II a 300 metros) e transportava pouca munição perfurante. Teve mais de 1.600 unidades produzidas entre 1935 e 1940. Teve duas versões posteriores, o R-39 (com um canhão mais potente) e o R-40 (com uma nova suspensão). Ele era armado com 1 canhão de 37 mm e 1 metralhadora de 7,5 mm, pesava 10,6 toneladas, tinha velocidade máxima de 20 km/h e blindagem máxima de 43 mm.



R-35

S-35 → Lançado em 1936, o *Char de Cavalerie SOMUA*¹³ S-35 era veloz, bem armado e bem protegido e foi o primeiro tanque no mundo com um casco moldado, ao invés de ser construído com placas parafusadas. Ele foi, indiscutivelmente, o melhor tanque francês da 2ª Guerra Mundial e foi considerado, por algum tempo, o melhor tanque do mundo. Era superior à maioria dos tanques alemães em blindagem e poder de fogo durante a campanha de 1940. Teve 427 unidades produzidas, das quais 243 estavam em serviço de 1ª linha no momento da invasão alemã. Ele era armado com 1 canhão de 47 mm e 1 metralhadora de 7,5 mm, pesava 19,5 toneladas, tinha velocidade máxima de 40 km/h e blindagem máxima de 47 mm.

¹³ SOMUA = Société d'Outillage Mécanique et d'Usinage d'Artillerie (Sociedade de Ferramentas Mecânicas e Usinagem de Artilharia), uma filial da Schneider.



SOMUA S-35

Morane-Saulnier MS.406 → Mais popular e numeroso caça francês da época, o Morane-Saulnier MS.406 era o principal avião de caça do *Armée de l'Air* ao eclodir a 2ª Guerra Mundial. Lançado em 1938, foram produzidas 1.176 unidades dele (sua produção se encerrou em março de 1940). No entanto, o MS.406, embora fosse bastante manobrável, era superado pelo Me 109 alemão em velocidade, armamento e blindagem. Era armado com 1 canhão de 20 mm e 2 metralhadoras de 7,5 mm, sua velocidade máxima era de 486 km/h e tinha autonomia de 900 km.



Morane-Saulnier MS.406

Armas Alemãs:

Panzerkampfwagen II → Ou simplesmente Panzer II, este tanque leve foi desenvolvido a partir do Panzer I (que era armado apenas com metralhadoras) e destinava-se a ser um expediente provisório enquanto tanques mais efetivos não eram produzidos. No entanto, ele acabou formando a base da arma blindada alemã nas campanhas da Polônia e da França. Lançado em 1937, havia 950 unidades dele em serviço em maio de 1940, nas versões A, B, C (virtualmente idênticas), D e E (com nova suspensão). Ele era armado com 1 canhão de 20 mm e 1 metralhadora de 7,92 mm, pesava 9,5 toneladas, tinha velocidade máxima de 55 km/h e blindagem máxima de 15 mm (em função da experiência na Polônia, uma placa de 20 mm foi aparafusada sobre a blindagem frontal, porém, a maioria dos Panzer II do 16º Corpo Motorizado não havia ainda recebido esse reforço).



Panzer II

Panzerkampfwagen III → Projetado para o combate entre tanques, o Panzer III foi um dos mais importantes veículos alemães no período 1939-42. Lançado em 1938, foram fabricadas mais de 9.000 unidades entre todas as versões até agosto de 1943. Em maio de 1940, havia 456 unidades dele em serviço. O Panzer IIIE era armado com 1 canhão de 37 mm e 2 metralhadoras de 7,92 mm, pesava 19,5 toneladas, tinha velocidade máxima de 40 km/h e blindagem máxima de 30 mm.



Panzer III

Panzerkampfwagen IV → O Panzer IV foi concebido para a função de tanque de apoio, dotado de um canhão curto de baixa velocidade de 75 mm (este armamento foi mantido até o surgimento do Panzer IV Ausf.F2, em 1942, armado com um canhão longo de 75 mm). Único tanque alemão fabricado do início ao fim do conflito, o Panzer IV totalizou cerca de 8.500 unidades produzidas entre 1937 e 1945. Robusto e seguro, em maio de 1940 havia 366 unidades dele em serviço, sendo a Ausf.D a principal versão utilizada na campanha de 1940. Era armado com 1 canhão de 75 mm e 2 metralhadoras de 7,92 mm, pesava 20 toneladas, tinha velocidade máxima de 40 km/h e blindagem máxima de 30 mm.



Panzer IVD

Messerschmitt Me 109 → O Messerschmitt Me (ou Bf¹⁴) 109 foi o principal avião de caça alemão de toda a 2ª Guerra Mundial. Teve mais de 33.000 unidades produzidas, sendo uma das aeronaves mais produzidas na História. Desenvolvido sob a direção de Willy Messerschmitt, ele estreou em combate na Guerra Civil Espanhola. Durante a campanha de 1940, a versão utilizada era a "E". Ele era superior a todos os caças inimigos até encontrar um oponente à altura no Spitfire inglês, durante a Batalha da Inglaterra. Era armado com 2 canhões de 20 mm e 2 metralhadoras de 7,92 mm, sua velocidade máxima era de 550 km/h e tinha autonomia de 660 km.



Me 109E

¹⁴ Existe muita confusão a respeito da designação deste avião, com diversas fontes usando indistintamente os prefixos Bf e Me. A designação original era Bf (referente à firma *Bayerische Flugzeugwerke*, ou simplesmente BFW). Porém, no final de 1938, Willy Messerschmitt passou a ser o sócio majoritário da empresa e, a partir de então, todos os projetos passaram a ter o prefixo Me. Assim, o velho prefixo Bf foi mantido para o Bf 108 e para as versões B, C e D do 109 e para as versões A e B do caça bimotor 110. Todos os projetos posteriores passaram a ter o prefixo Me.

Junkers Ju 87 → Popularmente conhecido como “Stuka” (abreviatura de *Sturzkampfflugzeug*, bombardeiro de mergulho), o Junkers Ju 87 foi lançado em 1935 e teve seu batismo de fogo na Guerra Civil Espanhola. Extremamente bem sucedido nas primeiras campanhas da *Blitzkrieg*, revelou toda a sua vulnerabilidade durante a Batalha da Inglaterra, onde sofreu baixas pesadas. Mas onde a Luftwaffe detinha a supremacia aérea, ele era uma arma extremamente eficaz e aterrorizante, particularmente devido ao uso de sirenes que desmoralizavam quem estivesse no caminho de suas bombas. A principal versão usada em 1940 foi o Ju 87B-1, que era armado com 2 metralhadoras de 7,92 mm fixas nas asas e 1 na traseira da cabine. Podia transportar uma bomba de 500 kg no ventre ou uma de 250 kg no ventre e 4 de 50 kg nas asas. Sua velocidade máxima era de 390 km/h (em mergulho chegava a 650 km/h) e tinha autonomia de 700 km.



Ju 87B-1 “Stuka”

Começa a Invasão

A 10/05/40, as forças armadas da Alemanha invadiram o Luxemburgo, a Holanda e a Bélgica. Começava a campanha do oeste.

No QG Supremo aliado, nas sombrias casamatas de Vincennes, a oeste de Paris, relatórios sobre as atividades alemãs estavam chegando desde uma hora da manhã. Cinco horas depois, dissipada qualquer possibilidade de alarme falso, o General Maurice Gamelin, Comandante-em-Chefe aliado, enviou a ordem histórica: “Holanda-Bélgica, manobra Dyle”. Como previsto, as forças anglo-francesas imediatamente cruzaram a fronteira belga, marchando para suas posições, previamente designadas, na Holanda e na Bélgica.

O 1º Exército francês marchou tendo na vanguarda o Corpo de Cavalaria, comandado pelo General René Prioux. A missão de Prioux era retardar a progressão alemã em algum ponto entre Gembloux e Maastricht, dando tempo ao 1º Exército se estabelecer na “Brecha de Gembloux”. Estimava-se que os alemães levariam oito dias para

chegar a Gembloux, mas era necessário retardá-los pelo menos até o dia 14. Dependendo da situação reinante, Prioux poderia enfrentar uma eventual cabeça de ponte alemã no Maas, realizar uma batalha de manobra ou defender uma linha temporária. Prioux tinha liberdade para escolher a linha de ação mais apropriada.

As tropas de Prioux receberam a ordem de marcha às 8h00min e entraram na Bélgica às 10h30min. O Corpo de Cavalaria avançou rapidamente para Hannut, sob os aplausos da população e amargando alguns escassos ataques aéreos, com pouquíssimas perdas.

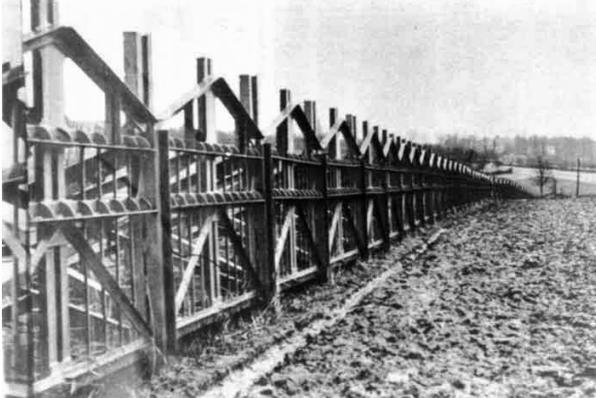


General René Jacques Adolphe Prioux (1879-1953). Feito prisioneiro pelos alemães, foi libertado em abril de 1942 e serviu ao regime de Vichy, emitindo instruções antisemitas para o oficialato francês. Com a libertação em 1944, foi posto de lado e morreu na obscuridade.

Prioux enviou o Capitão Métivier, do seu Estado-Maior, para fazer a ligação com o 3º Corpo belga. Para consternação de Prioux, as informações de Métivier deram conta de que a situação das defesas estava muito aquém do esperado. Os obstáculos antitanques Cointet¹⁵ belgas que deviam estar concentrados em torno de Gembloux na verdade estavam espalhados por vários quilômetros em torno de Perwez. As posições de infantaria que deveriam ter sido construídas pelos bel-

¹⁵ O Cointet, também conhecido como “Portão Belga”, era uma espécie de cerca de aço com aproximadamente três metros de largura e dois de altura, geralmente montado em cilindros de concreto, que pesava 1.280 quilos. Invenção francesa, foi adotado pelos belgas em 1936 e teve cerca de 73.600 unidades produzidas e instaladas ao longo de uma linha que ia da aldeia de Koningshooikt à cidade de Wavre. Após a campanha de 1940, os alemães utilizaram essas peças na “Muralha do Atlântico”.

gas simplesmente não existiam, com exceção de um trecho de uma vala antitanque. Para deixar o dia ainda pior para os franceses, os ferroviários belgas entraram em greve, o que atrasou a chegada dos elementos blindados franceses.



Linha de Cointet. Evidentemente, ele só era efetivo se cobrisse longas distâncias e se fosse protegido por outros meios de defesa.

O 12º *Régiment de Cuirassiers*, o elemento de reconhecimento da 3ª DLM, prosseguiu na direção de Maastricht. Pelas 15h00min, ele fez contato com os belgas em Tongeren, no Canal Alberto, obtendo a informação de que os alemães já haviam capturado intactas as pontes a oeste de Maastricht.

Na manhã de 11/05/40, as informações recebidas pelo Corpo de Cavalaria davam conta de que as defesas belgas no Canal Alberto entre o sudeste de Hasselt e Maastricht entraram em colapso e Tongeren foi ocupada pelos alemães às 14h00min. Tendo em vista o agravamento da situação, Prioux decidiu esperar pela chegada dos alemães na linha Tirlémont-Hannut-Huy, a cerca de 30 quilômetros a nordeste de Gembloux. O campo de batalha que Prioux escolheu consistia de um platô com bosques esparsos, uma grande rede de estradas, algumas localidades e grandes fazendas isoladas. Havia dois pequenos riachos de dois a três metros de largura, o Méhaigne e o Petite Gette, com muitos pontos de vau, muitas vezes por veículos de lagarta. O ponto crucial da posição era a crista que corria de Hannut e através de Crehen e Merdorp.

O Corpo então se estabeleceu no terreno usando o Petite Gette e o Méhaigne como pontos de referência. O setor ao norte, atrás do Petite Gette e diante de Hannut, era defendido pela 3ª DLM. A parte sul da linha, atrás do Méhaigne, era responsabilidade da 2ª DLM. A defesa foi organizada em profundidade, com pontos-fortes de infantaria em cada aldeia ou fazenda, apoiados por grupos de tanques mantidos na retaguarda, prontos para contratacar entre as posições da infantaria. Além

disso, o 1º Regimento de *Cuirassiers* (parte de 5ª Brigada Ligeira Mecanizada) estava inteiro em reserva.

Por volta das 21h00min, o Corpo de Cavalaria estava posicionado, conforme o planejado, para enfrentar o esperado ataque alemão. Durante todo o dia, elementos blindados franceses realizaram escaramuças com as colunas alemãs na área de Saint Trond, tentando atrasar o seu avanço.

O Tenente-General Jean Leon Albert Langlois, comandante da 3ª DLM, dividiu a sua frente de 17 quilômetros em dois setores. O setor norte, comandado pelo Coronel Dodart des Loges (comandante da 6ª Brigada Ligeira Mecanizada), era mantido, de norte a sul, pelo 12º de *Cuirassiers* (em contato com os britânicos e belgas à esquerda, em Tirlémont) e dois batalhões do 11º RDP. O General de La Font (5ª Brigada Ligeira Mecanizada) era responsável pelo setor sul, o terreno aberto e convidativo diante de Hannut. La Font contava com o batalhão restante do 11º RDP, estabelecido em pontos-fortes em Thisnes, Wansin e Crehen. Toda a linha era reforçada por esquadrões de tanques leves estacionados nas proximidades, tendo um em Crehen e outro em Thisnes, e apoiados por canhões de 75 e 105 mm. Havia ainda, em reserva, esquadrões de S-35 em Marilles, Jauche, Jandrenouille e Merdorp. A 3ª DLM, sem saber, iria suportar o peso do ataque de todo o 16º Corpo Motorizado alemão.

Estava prestes a começar a maior batalha de blindados até então na História.

A Batalha de Hannut – 12 de Maio

Na manhã de 12/05/40, a 4ª Divisão Panzer, do *Generalleutnant* Johann Joachim Stever, aproximou-se da região de Hannut. A unidade que devia acompanhá-la, a 3ª Divisão Panzer, ainda não havia atravessado totalmente o rio Mosa, o que só aconteceria no dia seguinte. A 4ª Panzer estava com escassez de combustível e sua infantaria e artilharia ainda estavam muito para trás. O General Stever solicitou então um suprimento aéreo de combustível.

O primeiro choque de blindados ocorreu ainda nessa manhã, quando um grupo de 25 veículos do 12º Regimento de *Cuirassiers* foi engajado pelos Panzers, perdendo 7 veículos, ao preço de 5 tanques germânicos, incluindo 1 Panzer IV.

O 35º Regimento Panzer (parte da 5ª Brigada Panzer, da 4ª Divisão) avançou para Hannut e encontrou feroz resistência por parte dos infantas do 11º RDP, com vários tanques franceses disparando da posição de casco enterrado, enquanto outros, em grupos, realizavam contrataques pelos flancos. A despeito disso, e da falta de infantaria

e artilharia de apoio, os tanques alemães lograram forçar os franceses a recuar vários quilômetros e penetraram na cidade. Um imediato contra-ataque dos tanques franceses deixou como saldo 11 tanques franceses e 5 alemães destruídos.

Enquanto isso, cerca de 50 tanques avançaram igualmente na direção de Crehen. Os dragões e os 21 Hotchkiss que os apoiavam foram duramente castigados, tendo perecido o comandante da unidade blindada. Enquanto os tanques médios disparavam de posições protegidas, os tanques leves tentavam flanquear a localidade. Os franceses recuaram para Merdorp, mas parte do 2º Regimento de *Cuirassiers* permaneceu cerca de Crehen. Um contrataque realizado pelos S-35 da 2ª DLM conseguiu romper o cerco e as tropas retiraram-se, a despeito de pesadas baixas. O saldo da batalha foi de 9 tanques franceses e 5 alemães destruídos, além de uma bateria de canhões alemães surpreendida pelos tanques franceses.

Durante a manhã, os aliados priorizaram o apoio aéreo ao Corpo de Prioux. A RAF e o Armée de l'Air realizaram diversas surtidas, que foram fragorosamente rechaçadas pelos Me 109 do Jagdgeschwader 27. Os alemães reivindicaram a derubada de 26 aviões aliados contra a perda de 4 dos seus. A artilharia antiaérea alemã acrescentou outros 25 aparelhos a essa estatística. À tarde, porém, deu-se prioridade ao setor de Sedan e Prioux então passou a ter pouca ou nenhuma cobertura aérea.

Enquanto isso, a 3ª Divisão Panzer, do General Horst Stumpff, realizava uma marcha acelerada para cobrir o flanco direito (norte) da 4ª Panzer. No final da tarde, o reconhecimento aéreo alemão havia detectado a existência de tanques franceses na região de Orp e unidades motorizadas em Gembloux. Então, Hoepner ordenou à 3ª Panzer que atacasse para impedir os aliados de organizar um ataque ao flanco exposto da 4ª Panzer.

Stever despachou um grupo de batalha formado por um batalhão de tanques, um de infantaria e dois grupos de artilharia para Perwez, 18 quilômetros a sudoeste de Hannut, para cobrir seu flanco sul, com a ressalva de se deter se encontrasse resistência séria. Essa força chocou-se com o ponto-forte francês de Thisnes, caindo sob pesado fogo da artilharia francesa. Os alemães afinal penetraram na porção oeste da localidade, encontrando barricadas pelas ruas e sofrendo o bombardeio da artilharia francesa postada na vizinha Wansin. A despeito disso, os alemães continuaram a progredir, fazendo uso de tanques e lança-chamas.

O Coronel Du Vigier, comandante do 2º Regimento de *Cuirassiers*, enviou um esquadrão de S-35 para contratacar. Este foi o primeiro encontro dos

alemães com o SOMUA S-35 e o impacto foi enorme (naquela mesma noite, Hoepner deu ordens para evitar engajar os S-35 à média ou longa distância). Os S-35 realizaram uma incursão em profundidade na retaguarda alemã e a ação evoluiu para uma série de combates de tanques contra tanques. Os alemães sofreram perdas sérias, incluindo o tanque de comando do comandante do 35º Regimento, Tenente-Coronel Heinrich Eberbach¹⁶, que foi destruído. Pelas 18h30min, os tanques de ambos os lados retiraram-se, os franceses para Merdorp e os alemães para Hannut.



Erich Hoepner (1886-1944), comandante do 16º Corpo Motorizado. Destituído de seu posto após a derrota na Batalha de Moscou, ele participou do fracassado complô contra Hitler e foi executado a 08/08/44.

Ao fim do dia, os franceses haviam perdido Crehen, Thisnes e Hannut. Durante a noite, os germânicos lançaram uma série de pequenos ataques para testar as defesas francesas. O ponto-forte francês de Wansin resistiu durante toda a noite contra os ataques da infantaria alemã, mas foi evacuado nas primeiras horas do dia 13. Com isso, a 3ª DLM mantinha suas posições próximas

¹⁶ Heinrich Eberbach (1895-1992) posteriormente assumiria o comando do *Panzergruppe West*, que lutaria na Normandia em 1944. A 08/08/44, ele assumiu o comando do 5º Exército Panzer e, duas semanas depois, do 7º Exército. Foi feito prisioneiro pelos britânicos a 31/08/44, sendo libertado em 1948.

a Tienen, Jandrenouille e Merdorp, enquanto a 2ª DLM ainda defendia o seu front original. No entanto, uma brecha havia se formado em Winson, o ponto de junção entre as 2ª e 3ª DLM. Durante a noite, a 3ª DLM foi reforçada por elementos de reconhecimento e de infantaria motorizada.

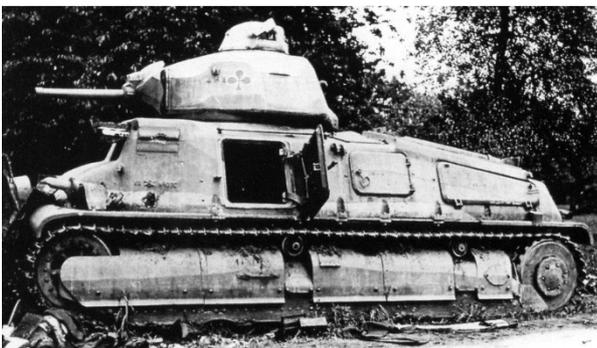
Por volta das 20h00min, compreendendo que estava diante de duas divisões mecanizadas francesas, Stever e Hoepner concordaram em montar uma ofensiva em larga escala no dia seguinte. A 4ª Divisão Panzer se concentraria no flanco direito e atuaria em conjunto com a 3ª Panzer.

A Batalha de Hannut – 13 de Maio

Ao amanhecer do dia 13, Hoepner achava que a 3ª Panzer estava diante de fracos elementos franceses e que a 4ª Panzer enfrentava a principal linha de resistência francesa diante de Hannut e Thisnes, que os franceses na verdade já haviam abandonado. A Luftwaffe realizou um forte ataque ainda de manhã para amaciar as defesas diante da 4ª Panzer, enquanto a 3ª Panzer marchava para Thorembois. Aquela deveria atacar Thisnes e Merdorp e esta, Marilles e Orp. O apoio aéreo alemão neste dia concentrou-se no Mosa e, devido a isso, Hoepner não disporia do 8º Fliegerkorps.

De sua parte, Prioux decidiu que suas duas divisões permaneceriam em suas posições até o anoitecer, quando então retrairiam através das estradas Louvain-Andenne e Bruxelas-Namur.

No início da manhã, a 2ª DLM enviou cerca de 30 tanques S-35 de Méhaigne para a linha Merdorp-Crehen para aliviar a pressão sobre a 3ª DLM. No entanto, os franceses acabaram repelidos com pesadas baixas pelo fogo dos tanques e dos canhões antitanques alemães perto de Crehen.



S-35 pertencente ao 29º Regimento de Dragões, da 2ª DLM. O símbolo do naipe de paus na torre identifica a 4ª Seção.

Por volta das 10h30min, o 12º Regimento de *Cuirassiers* suportou o ataque de ondas da infantaria alemã apoiadas por blindados. Elementos da 18ª

Divisão de Infantaria alemã (parte do 4º Corpo) conseguiram se infiltrar na linha francesa. A ideia de contratar com o 1º Regimento de *Cuirassiers* foi posta de lado devido à situação no restante do front da 3ª DLM.

A 3ª Divisão Panzer avançou com a sua 3ª Brigada Panzer por volta das 11h30min, com seu 5º Regimento Panzer à direita e o 6º à esquerda. A 3ª DLM logo identificou a presença de cerca de 80 tanques alemães diante de Marilles e 100 em Orp.

Pelo meio dia, o combate havia se generalizado entre as localidades ao longo do Petite Gette. Enfrentado barricadas e minas, os alemães lograram forçar a passagem após 90 minutos de duros combates, o 5º diante de Marilles e o 6º em Orp. Os valentes Dragões defenderam suas posições tenazmente, mas a sua resistência começou a ceder por volta das 13h30min, em função da superioridade numérica alemã e da escassez de munição.

Em Marilles, o ataque se abateu sobre o 3º Batalhão do 11º RDP e o Coronel des Loges despachou dois pelotões (cerca de dez veículos) de tanques Hotchkiss para tentar auxiliar os Dragões. Ao fim do dia, porém, não mais que três desses tanques continuavam operacionais.

No setor de Orp, o 2º Batalhão do 11º RDP sofreu sérias perdas para o bombardeio aéreo e de artilharia, enquanto os motociclistas e carros blindados alemães buscavam pontos de travessia e infiltração. Os Hotchkiss do batalhão, reforçados por dois esquadrões do 1º Regimento de *Cuirassiers*, contrataram e houve um grande combate de tanques. No meio da tarde, os alemães solicitaram repetidamente o urgente envio de unidades antitanques e de apoio aéreo para lidar com os tanques franceses. No entanto, enquanto os panzers atuavam concentrados, os franceses operavam em pequenos grupos. O 2º Batalhão do 5º Regimento Panzer foi flanqueado e atacado pela retaguarda, mas o 1º Batalhão correu em seu auxílio e os alemães acabaram triunfando. Às 16h00min, a infantaria alemã capturou Orp, mas os tanques alemães ficaram quase sem munição. Na área de Moha e Wanze, logo ao norte de Huy, elementos das 35ª, 61ª e 269ª Divisões de infantaria, reforçados com blindados, foram empenhados para atrair a atenção dos franceses e impedir de intervir na luta mais ao norte, conseguindo se infiltrar através do Méhaigne. Além de ameaçar a integridade da linha francesa, esse movimento ameaçava ainda o flanco esquerdo dos belgas em Huy. O General Gabriel Marie Joseph Bougrain, comandante da 2ª DLM, enviou então a sua reserva blindada para tentar reverter a situação. No entanto, após pesado combate, os alemães conseguiram forçar a passagem do Mé-

haigne. Pelas 15h00min, já havia grandes concentrações alemãs a sudeste de Crehen e a 2ª DLM não tinha mais reservas para intervir. Bougrain recusou a oferta do 3º Corpo belga, que propôs reforçar a posição no Méhaigne com as forças que estavam retraindo de Liège.

No início da tarde, a 4ª Divisão Panzer começou o assalto a Merdorp. Quando a artilharia francesa abriu fogo, a contrabateria alemã imediatamente respondeu. Os tanques franceses então avançaram para a cidade abandonada, evitando a artilharia alemã e lutando abrigados, enquanto os alemães eram obrigados a avançar em campo aberto.

Os alemães então decidiram ignorar a cidade e a contornaram pelo seu flanco esquerdo, mas o movimento expôs a infantaria, que teve que ceder terreno diante dos blindados franceses. Os panzers rapidamente deram meia volta e engajaram os tanques franceses em campo aberto. Inicialmente, os franceses ainda desfrutaram da vantagem oferecida pelo seu material superior, mas a habilidade alemã em se concentrar rapidamente fez com que a maré da batalha virasse a seu favor. Pequenos grupos de soldados franceses que haviam se infiltrado na cidade atrás dos tanques acabaram isolados e vencidos pela infantaria alemã.

Diante da situação irremediável e da falta de reservas, o Coronel des Loges ordenou a retirada. A 2ª DLM tentou ainda realizar contrataques com seus H-35, conseguindo repelir os alemães até o Méhaigne, perdendo 4 carros contra a destruição de 6 panzers.

O Coronel de Vernejoul, comandante do 1º de *Cuirassiers*, despachou 36 S-35 para deter os alemães que progrediam a partir de Orp, detendo-se a 800 metros das posições alemãs, cujos tanques estavam concentrados nos limites do bosque. Os S-35 massacraram os tanques alemães (na maioria Panzer I e II). Cerca de 50 foram postos fora de combate e a matança só foi interrompida porque os franceses ficaram sem munição e tiveram que retraindo. Apenas num dos tanques franceses foram observados 29 impactos de projéteis de 20 e 37 mm, sem qualquer efeito. No entanto, ao anoitecer, dos 42 S-35 do 1º de *Cuirassiers*, apenas 16 permaneciam operacionais.

Com isso, esgotaram-se as chances da 3ª DLM deter os alemães. A 2ª DLM ainda lançou pequenos ataques contra o flanco da 4ª Panzer, mas foram repelidos pelos canhões de 37 mm do 654º Batalhão *Panzerjäger* (Caça-tanques).

Durante todo esse tempo, a Luftwaffe atacou constantemente a retaguarda francesa, já que as tropas francesas e alemãs estavam próximas demais para realizar ataques com segurança diretamente no front.

Já então, as duas divisões Panzer haviam conseguido penetrar na linha francesa e avançavam em direção a Jandrain. Nas cercanias da localidade feriu-se feroz e confuso combate entre tanques. Os alemães, então em superioridade numérica, levaram a melhor, alegando a destruição de 22 S-35 e a captura de 400 prisioneiros e 9 tanques.

Tendo repellido os últimos contrataques franceses, os alemães redobram a sua confiança e avançaram sem se preocupar com seus flancos em direção à Gembloux, envolvendo-se em novas escaramuças com blindados franceses ao anoitecer. A 3ª Brigada Panzer reivindicou a destruição de 54 tanques franceses nesse dia.

Às 21h00min, a 3ª DLM já havia se estabelecido em suas novas posições, atrás do obstáculo anti-tanque belga, na linha Beauvechain-La Bruyere-Pietrebais-Incourt-Perwez. A 2ª DLM, porém, só conseguiu fazê-lo no início do dia seguinte, ao sul de Perwez.

Hannut foi a primeira grande batalha de blindados da História, envolvendo 411 tanques franceses e 674 alemães. Durante dois dias, o Corpo de Cavalaria de Prioux (particularmente a novata 3ª DLM) conseguiu deter duas *Panzerdivisionen* e infligir a elas pesadas baixas. De fato, as perdas foram pesadas de ambos os lados: os franceses perderam 105 tanques (75 Hotchkiss e 30 SOMUA S-35), enquanto os alemães perderam 160¹⁷, embora apenas 49 sofressem danos irreparáveis. Como o terreno acabou conquistado pelos alemães, as oficinas de campanha repararam 111 deles, que voltaram rapidamente à batalha. As suas perdas humanas foram de 60 mortos e 80 feridos.

Prioux havia conseguido cumprir a sua missão. Conquistara o tempo necessário ao 1º Exército francês se estabelecer em Gembloux e impusera baixas pesadas ao inimigo. Hoepner, ao contrário, fracassara na tentativa de romper o dispositivo francês e penetrar rapidamente através da “Brecha de Gembloux”. Agora ele teria a árdua tarefa de penetrar numa linha fortemente organizada. Esta foi a única ocasião, em toda a campanha de 1940, que divisões Panzer tiveram que realizar ataques frontais contra uma linha defensiva adequadamente preparada.

A Batalha de Gembloux – Prelúdio

A 3ª Divisão Panzer começou o dia 14 com escassez de munição após as intensas batalhas em torno de Hannut e teve que esperar pelo remuniamento antes de seguir para Gembloux. De sua parte, a 4ª Panzer tinha ainda que limpar Perwez, onde ela havia sido detida por uma linha de Coin-

¹⁷ Outras fontes citam 164 e 165.

tet defendida pelo Batalhão de Motociclistas dos *Chasseurs Ardennes* belgas¹⁸.

O comando francês redistribuiu seus tanques em pequenos grupos de apoio à infantaria, facilitando o trabalho dos alemães, que atuavam sempre com fortes grupos de armas combinadas. No entanto, a 3ª Panzer acabou detida pela obstinada resistência da 2ª DLM. O surgimento de uma força de tanques assustou o comando alemão, que supôs se tratar de um grande contrataque, mas, de fato, não passava de uma força de cobertura. Ambos os lados perderam alguns veículos, mas, ao anoitecer, a 2ª DLM retraiu e os alemães retomaram a iniciativa.

As forças agora à disposição de Hoepner para penetrar na “Brecha de Gembloux” haviam aumentado significativamente. Além das 3ª e 4ª Divisões Panzer, Hoepner podia contar agora com a 20ª Divisão de Infantaria Motorizada, uma unidade da ativa que havia participado com distinção da campanha da Polônia, e com a 35ª Divisão de Infantaria, que estava tendo o seu batismo de fogo na campanha de 1940. Ao todo, o 16º Corpo Motorizado somava 112 canhões e obuseiros, podendo contar ainda com unidades de artilharia do Exército ou das divisões de infantaria do 4º Corpo.

À direita de Hoepner estava chegando o 4º Corpo (General Viktor von Schwedler), com as 7ª, 18ª e 31ª Divisões de Infantaria. A maior parte dos transportes das divisões de infantaria alemãs, incluindo a artilharia, era hipomóvel, e, portanto, elas eram muito mais lentas que as unidades motorizadas do 16º Corpo.

A tenaz resistência oferecida pelo Corpo de Cavalaria havia concedido o tempo necessário ao 4º Corpo de Exército, do General Henri Marie Joseph Aymes, para se estabelecer na principal linha de defesa diante da “Brecha de Gembloux”. A unidade atingiu Gembloux a 13/05/40 e iria defender uma frente que ia de Perbais (exclusive) a Beuzet (inclusive).

A 1ª DM (General Albert Raymond Mellier) e a 15ª DIM (General Alphonse Pierre Juin¹⁹) se entrincheiraram numa frente de 12 quilômetros em torno de Gembloux. Embora os tanques do Corpo de Cavalaria ainda estivessem envolvidos em combate, a sua artilharia já estava em posição para apoiar os defensores.

¹⁸ Essa unidade foi anexada por Prioux ao Corpo de Cavalaria sem autorização do comando belga.

¹⁹ Juin (1888-1967) foi capturado pelos alemães em Lille e, depois de libertado, foi enviado para a África do Norte, onde, após o desembarque aliado, assumiu o comando do Corpo Expedicionário Francês que participou da campanha da Itália em 1943-44. Em 1952, ele foi elevado à condição de Marechal da França, sendo ele o último a receber essa honraria ainda em vida.

A linha principal era balizada pela ferrovia Bruxelas-Namur, que se estendia perpendicularmente ao eixo de avanço alemão. O leito da ferrovia se constituía, por si só, num significativo obstáculo antitanque, sendo sua linha elevada em alguns pontos ou repousava em um profundo corte do terreno em outros. Além disso, minas antitanques foram profusamente instaladas ao longo dela. As passagens de nível e os túneis, por sua vez, eram obliterados com obstáculos antitanques.

Diante dela havia vários postos avançados. As cidades de Gembloux e as vilas de Ernage e Perbais (ambas sobre a estrada Gembloux-Wavre) constituíam os principais pontos de resistência, além de várias fazendas.

A 1ª DM e a 15ª DIM estavam com os efetivos praticamente completos. A divisão marroquina tinha uma proporção de dois marroquinos para cada francês, sendo praticamente todo o oficialato europeu (alguns marroquinos foram elevados a oficial júnior e o quadro de oficiais não comissionados era misto). Na artilharia, todos os oficiais eram franceses. A despeito da reputação dos marroquinos serem melhores no ataque que na defesa, caberia a essa divisão o esforço principal na defesa de Gembloux.

Cada um dos 3 regimentos da 1ª DM tinha um grupo de 12 peças do velho e confiável canhão de campanha Modèle 1897 de 75 mm e a divisão recebeu prioridade no apoio da artilharia de Corpo, incluindo 12 obuseiros Court de 105 mm. A 15ª DIM tinha em campo 24 canhões de 75 mm Mle 1897. Ao todo, havia 72 peças de 75 mm e 24 obuseiros de 105 mm, além de diversas unidades de artilharia do Exército.

A 1ª DM defendia uma frente de 5-6 quilômetros com o 7º Regimento de Infantaria Marroquina (RTM²⁰) em Ernage, o 1º RTM em Gembloux e o 2º RTM entre eles. No entanto, o 7º RTM havia chegado muito tarde e as posições de Ernage ainda continuaram guarnecidas pelo 2º Batalhão do 1º RTM (II/1º RTM) até a noite de 14/05/40. O I/7º RTM foi desdobrado em Ernage, mas ele não foi capaz de lançar as 1.500 minas antitanques previstas para o seu setor. O I/7º RTM estabeleceu duas companhias a leste da linha ferroviária, mas a faixa de edificações e pomares constituía uma distância grande demais para ser adequadamente defendida. Na linha ferroviária foi desdobrada a 3ª Companhia e todos os canhões antitanques à disposição do batalhão. O II/7º RTM estava posicionado atrás do I/7º RTM e o III/7º RTM estava em reserva.

O I/2º RTM tinha duas companhias entrincheiradas atrás da ferrovia e a 3ª Companhia estava postada na fazenda de Sart, onde também estava

²⁰ *Régiment de Tirailleurs Marocains*.

o QG do batalhão e o posto médico. O II/2º RTM foi mantido na retaguarda imediata e o III/2º RTM estava destacado como reserva divisional.



Um *Tirailleur Marocain* (Atirador Marroquino). Esses soldados eram recrutados nas colônias francesas na África do Norte e se distinguiram no serviço à França nas duas guerras mundiais.

O 4º Corpo contava com dois batalhões de carros de combate, o 13º BCC²¹ (45 Hotchkiss H-35) e o 35º BCC (45 Renault R-35), os quais apoiavam, respectivamente, a 15ª DIM e a 1ª DM.

Teoricamente, a 1ª DM deveria ter cerca de 50 canhões antitanques de 25 mm e 8 de 47 mm, porém, de fato, tinha apenas 27 do primeiro e nenhum do segundo. Além disso, a divisão não contava com toda a sua dotação prevista de artilharia antiaérea, o que seria uma séria deficiência diante da onipresente Luftwaffe. Também faltavam a ela veículos e cerca de 400 cavalos de sua dotação regulamentar.

A 15ª DIM, ao contrário, estava com a sua dotação de artilharia completa e estava municiada com granadas com detonador de tempo, permitindo o uso de seus canhões de campanha de 75 mm como canhões antiaéreos improvisados.

Nos céus, a superioridade da Luftwaffe era absoluta. Tendo terminado já a batalha para atravessar o Mosa, a 2ª Luftflotte podia agora se concentrar no esforço para abrir caminho para os Panzers pela planície belga. O 1º Exército francês, por outro lado, tinha somente um desfalcado grupo de 26 caças, um grupo de reconhecimento e os esquadrões de observação orgânicos dos corpos, além dos 3 aparelhos de reconhecimento em cada uma das DLM.

²¹ *Bataillon de Chars de Combat.*

A Batalha de Gembloux – 14 de Maio

Na manhã de 14/05/40, ainda cedo, os franceses perceberam que o ataque era iminente devido à presença do reconhecimento aéreo e dos Stukas. A 1ª DIM observou a melancólica passagem de tropas belgas e refugiados através de suas linhas. Falsos rumores de paraquedistas alemães levaram a breves e lamentáveis incidentes entre tropas aliadas, que resultaram na morte de alguns artilheiros.

Hoepner, instado por seus superiores a perseguir os franceses em retirada e impaciente devido ao atraso imposto por eles em Hannut, não quis esperar pelas divisões de infantaria. Ao invés disso, decidiu atacar com seus tanques mais artilharia e o apoio aéreo que estivessem disponíveis, para impedir os franceses de se estabelecer defensivamente. Ninguém no lado alemão parecia saber que a corrida para Gembloux já havia sido perdida. Ao contrário das forças mecanizadas que havia enfrentado até então, Hoepner agora estava diante de infantaria entrincheirada e com artilharia em posição, contando com rede telefônica instalada.

A 4ª Panzer teve que abrir caminho através dos obstáculos Cointet e envolveu-se em feroz combate de tanques em torno das áreas boscosas da região de Perwez. De início sem contar com o apoio da infantaria, ela fracassou na tentativa de romper rapidamente o dispositivo francês. Por fim, as defesas francesas foram destruídas após a chegada da infantaria. A 4ª Panzer havia perdido uma hora em Perwez e ainda sofreu um ataque de metralhamento por 9 caças MS.406 do *Groupe de Chasse III/2* (3 dos quais foram abatidos pela artilharia antiaérea e os demais foram dispersos pelos caças alemães).

O 36º Regimento Panzer, juntamente com elementos da 4ª Brigada de Acompanhamento²², foi logo detido em torno de Grand Leez e dos bosques adjacentes pelo fogo dos tanques da 2ª DLM. A entrada em cena de um grupo de Stukas não alterou a situação e os alemães permaneceram bloqueados. Após uma adequada preparação de artilharia e um ataque coordenado, a cidade foi afinal conquistada. No processo, engenheiros alemães capturaram um canhão antitanque francês e destruíram 4 tanques com ele. Outro tanque francês acabou imobilizado pela detonação de uma carga explosiva em sua lagarta.

Enquanto isso, o outro Regimento da 5ª Brigada Panzer (o 35º) tinha seus próprios problemas em lidar com os obstinados defensores ao sul de

²² *Schützen-Brigada*, infantaria motorizada. Não existe uma tradução exata, daí a opção nesta matéria do uso do termo "Acompanhamento".

Ernage. Por volta das 10h30min, um grupo de cerca de 30 tanques, perseguindo elementos em retirada do 4º Grupo de Reconhecimento (GRDI²³), da 15ª DIM, se aproveitou da confusão reinante e penetrou na linha francesa. Os calejados marroquinos do 1º RTM, porém, reagiram prontamente e destruíram 9 tanques alemães com seus canhões de 25 mm, forçando os demais a se retirar.

Às 12h30min, os tanques da 4ª Panzer voltaram-se para as posições do 2º RTM entre Ernage e Gembloux. No setor do I/2º RTM, constituído pelo quadrilátero formado pela fazenda de Sart, a ponte de la Croix, a ponte e a fazenda de l'Agasse, grassaram os combates mais violentos. O comandante da 2ª Companhia, Tenente Grudler, foi morto e seu sucessor, Capitão Bouvier, foi ferido e capturado.

Devido à retirada dos últimos elementos do Corpo de Cavalaria, as pontes de la Croix e de l'Agasse não haviam ainda sido demolidas. Durante todo o dia 14, elas representaram grande preocupação para o comando francês, especialmente a ponte de la Croix, então sob fogo, que não era mais necessária.

A ponte de la Croix ficava entre os setores do II/1º RTM e do II/2º RTM. Mas, por uma incrível falta de coordenação, nenhum dos dois assumiu a defesa da ponte. Por volta das 16h30min, uma coluna de 40 tanques do 35º Regimento Panzer tentou atravessar a ponte, sendo que 8 conseguiram fazê-lo, sendo imediatamente alvejados por uma bateria de canhões postada no bosque de Sart-Ernage. Os 4 tanques sobreviventes retiraram-se, deixando os demais em chamas. A ponte permaneceu em mãos francesas e foi afinal explodida à noite.

Estando mal informado, o comando alemão acreditava que entre a passagem de nível de Robain e a ponte de la Croix, numa distância de cerca de 500 metros, a linha férrea era nivelada com o terreno, de modo que este ponto foi o escolhido para penetrar a frente. Mas, na verdade, a via férrea era elevada nesse lugar, obrigando os tanques alemães a expor suas partes inferiores, sem blindagem, fazendo deles presas fáceis para as armas antitanques francesas.

Neste ponto, a estrada que corria paralela à ferrovia ficava a cerca de 3 metros do nível dela, se constituindo numa muralha ideal não só para a observação, mas também para a instalação de armas antitanques, que foram embasadas em buracos ao longo da posição. O canhão antitanque francês de 25 mm era fácil de posicionar e camuflar e difícil de localizar devido ao seu pequeno clarão de boca. Como se isso não bastas-

se, havia posições falsas de canhões que atraíam a atenção dos tanquistas alemães, fazendo com que eles expusessem as laterais e a ré de seus veículos para as posições reais. A habilidade em camuflagem demonstrada pelas tropas francesas frequentemente surpreendeu os superconfiantes alemães.

Os soldados franceses mantinham-se em absoluta inação durante os ataques aéreos, levando os alemães, erroneamente, a achar que a oposição havia cessado. Mas, assim que os atacantes apareciam, eram recebidos pelo mesmo fogo impenetrável de antes. Mais de uma vez, o ataque alemão foi detido por intenso fogo antitanque e de metralhadoras. Somente uma posição de canhão antitanque de 25 mm do I/2º RTM destruiu 3 tanques sem ser sequer localizado.

Os panzers tinham que se mover constantemente para evitar ser enquadrados pela artilharia francesa e eram assim forçados a se dispersar. Cada vez que eles se reagrupavam para atacar eram novamente martelados pela precisa artilharia francesa. O apoio da infantaria alemã era insuficiente, a sua artilharia ainda não estava totalmente posicionada e os Stukas, por si só, revelaram-se insuficientes para dobrar a resistência francesa.

Por fim, o Coronel Breith, comandante da 5ª Brigada Panzer, ordenou a retirada de seus tanques para Baudecet. Porém, uma vez que eles se agruparam lá, foram novamente bombardeados pela artilharia francesa.

A 15ª DIM, ao sul da 1ª DM, também teve sua cota de ataques naquela manhã, mas nenhum ameaçou seriamente suas linhas. O General Juin, comandante da divisão, retardou o uso de sua artilharia para evitar atingir os últimos elementos da 2ª DLM, então engajados em ações de retardamento diante de suas linhas. Porém, uma vez que eles retraíram com êxito, a artilharia foi enfim liberada para oferecer uma calorosa recepção aos alemães. Como na divisão vizinha, a artilharia francesa causou devastação entre os atacantes, atingindo com precisão todas as concentrações assinaladas.

Um avião de reconhecimento francês localizou uma concentração de cerca de 150 tanques no bosque de Buis, onde estava localizado o QG da 3ª Divisão Panzer. Em poucos minutos, 6 baterias do 1º Regimento de Artilharia Divisional (RAD²⁴), a artilharia orgânica da 15ª DIM, disparou 432 granadas sobre o bosque. Vários tanques receberam impactos diretos e os alemães, fazendo frenético uso do rádio sem código, foram ouvidos pelas escutas francesas e outros postos de comando acabaram localizados.

Durante a tarde, a artilharia alemã finalmente

²³ *Groupe de Reconnaissance de Division d'Infanterie.*

²⁴ *Régiment d'Artillerie Divisionnaire.*

chegou, recebendo informações de alvos de aviões e de um balão de observação postado em Grand Leez.

Enfim, por volta das 14h00min, os alemães partiram novamente para o ataque contra as posições do 2º RTM ao sul de Ernage. Forte bombardeio de artilharia e ataques dos Stukas precederam os tanques da 5ª Brigada Panzer, agora apoiados por um batalhão de infantaria, enquanto a artilharia divisional foi usada para neutralizar os fogos de flanco partidos de Ernage e Gembloux. O objetivo eram as colinas a leste de St.Gery.

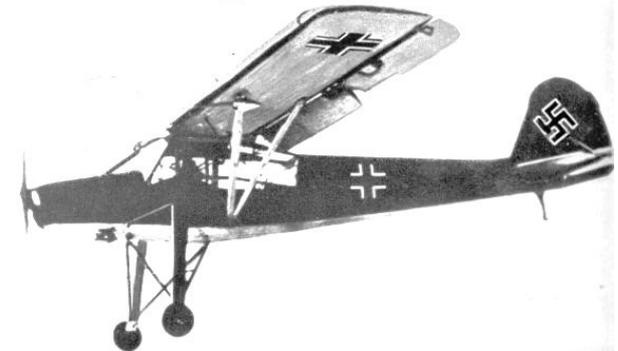
Os alemães passaram as horas seguintes buscando superar a oposição francesa entre a ferrovia e a estrada Wavre-Gembloux. Numerosos tanques foram atingidos pelos canhões antitanques franceses, enquanto outros caíram vítimas das minas. Tanques alemães tentaram flanquear a posição, mas 4 deles acabaram destruídos pelos vetustos canhões Mle 1897 de 75 mm do 64º Regimento de Artilharia da África (RAA²⁵), postados no front como canhões antitanques para sanar a deficiência da divisão nesse tipo de arma. Os alemães encontraram uma brecha entre os 1º e 2º RTM e por ela se infiltraram cerca de 40 tanques e transportes blindados de pessoal. Rapidamente foi organizada uma força formada pelo III/2º RTM e pelo 35º BCC para restabelecer a situação, mas o contrataque foi suspenso logo depois de iniciado, pois os alemães já haviam se retirado.

Às 16h00min, Stever suspendeu o ataque para dar tempo à 3ª Divisão Panzer para se preparar para atacar simultaneamente. Stever foi à frente conferenciar com os coronéis Breith, comandante da 5ª Brigada Panzer, e von Boyneburg, da 4ª Brigada de Acompanhamento, e ambos insistiram que um ataque adequado não era mais possível naquele dia. Às 16h50min, Stumpf passou um rádio para Stever informando que ele avisaria quando estivesse pronto, mas, por alguma razão, a 3ª Panzer acabou partindo para o ataque a Ernage sozinha.

A 3ª Divisão Panzer, mais ao norte, havia sido retardada pela ação da 3ª DLM, em retirada, a nordeste de Ernage. Como em Hannut, a 3ª Panzer constatou, desalentada, que os disparos dos canhões de seus tanques não tinham qualquer efeito sobre os tanques franceses, sendo a única exceção o canhão de 75 mm do Panzer IV. O canhão de 37 mm do Panzer III só era efetivo a menos de 200 metros de distância e o de 20 mm do Panzer II era virtualmente inútil, principalmente contra a blindagem do S-35. Numa ocasião, um comandante de tanque alemão, totalmente desesperado, tentou subir num H-35 segurando um

martelo, presumivelmente para tentar destruir os seus periscópios, mas ele acabou morrendo sob as lagartas do tanque.

Após ultrapassar os obstáculos antitanques belgas, a divisão avançou tendo a 3ª Brigada Panzer como ponta de lança. Com o 5º Regimento Panzer à direita e o 6º à esquerda, a brigada envolveu-se em aceso combate por Ernage e na estrada Wavre-Gembloux. Houve sérios combates de tanques em Walhain e St. Paul, contra elementos da 3ª DLM. Às 18h00min, tanques alemães entraram em Ernage e a 1ª Companhia do 35º BCC recebeu ordem de contratacar. Os R-35 foram descobertos por aviões de observação alemães, que lançaram marcadores de fumaça violeta. Os tanques foram então alvejados pela artilharia alemã, mas o bombardeio revelou-se ineficiente. Quando eles alcançaram Ernage, a maioria dos tanques alemães já havia se retirado.



Fieseler Fi 156 "Storch" (Cegonha). Durante toda a batalha, a superioridade aérea alemã permitiu o emprego de lentos aviões de observação como este, em benefício da artilharia alemã.

Enfrentando forte fogo de artilharia e sem infantaria de apoio, o Coronel Kühne, comandante da 3ª Brigada Panzer, havia decidido recuar e esperar pela chegada da infantaria, a qual só alcançou os tanques à noite. Na escuridão, um batalhão foi alvejado pelos seus próprios tanques e ao amanhecer descobriu que estava no meio da terra de ninguém entre Ernage e Perbais e sem contato de rádio com a divisão.

Em Sauvenière, um QG alemão foi atingido pela artilharia francesa, resultando na morte de dois comandantes de batalhão e um comandante de companhia.

Após as 18h00min, Hoepner mais uma vez pressionou seus comandados a avançar, mas os franceses se recusavam a colaborar. De fato, o fogo defensivo francês era tão intenso que um alerta de gás venenoso foi lançado erroneamente. Afinal, às 20h50min, Hoepner suspendeu o ataque. Às 21h50min, o QG do 6º Exército pressionou a sua infantaria a alcançar as assoberbadas divi-

²⁵ Régiment d'Artillerie d'Afrique.

sões Panzer. Apesar de não terem enfrentado nenhuma oposição, as divisões do 4º Corpo foram muito prejudicadas por minas e demolições, mas, pelo fim do dia, já haviam alcançado a linha de frente.

Em Ernage, dois pontos-fortes haviam sido destruídos e dois canhões antitanques de 25 mm perdidos. À noite, os engenheiros franceses explodiram as passagens usadas pelos alemães e o 35º BCC retirou-se para a área de Cortil-Couvent. O batalhão do 7º RTM destinado a Ernage afinal assumiu suas posições durante a noite. A artilharia francesa continuou a realizar fogos de inquietação por toda a noite, forçando os tanquistas alemães a se proteger sob suas máquinas.

Devido à ação de cobertura das DLM, dos diversos atrasos e dos problemas de logística, o ataque alemão à principal linha francesa teve que ser adiado para o dia seguinte. O saldo do dia totalizava 15 blindados franceses destruídos, mas os alemães não conseguiram penetrar um centímetro sequer nas suas posições. A vitória, no entanto, não havia sido barata, tendo o 1º Batalhão do 2º RTM sido virtualmente aniquilado.

As notícias da ruptura alemã em Sedan fizeram com que as 2ª e 3ª DLM fossem retiradas para a reserva e, logo em seguida, despachadas para o sul. A despeito disso, a artilharia do Corpo de Cavalaria (inclusive os canhões antitanques) permaneceu na área de Gembloux. Por conta disso, a 1ª DIM foi reforçada com 12 obuseiros Court de 105 mm, 24 canhões de 75 mm e 4 canhões antitanque de 47 mm da 3ª DLM.

No entanto, o General Aymes havia recebido más notícias. A 1ª Divisão Blindada, que originalmente deveria ser postada à sua retaguarda, foi desviada para enfrentar a ruptura alemã mais ao sul. Nenhuma ajuda viria. Ele estava sozinho.

A Batalha de Gembloux – 15 de Maio

Durante a noite de 14-15 de maio, a 4ª Divisão Panzer assumiu a sua área de operação ao sul de Baudecet, enquanto a 3ª Panzer atuava ao norte. A 35ª Divisão de Infantaria alcançou a 3ª Panzer, enquanto a 20ª Motorizada cobriu o flanco sul do corpo. A chegada da 269ª Divisão de Infantaria (17º Corpo) ao norte de Namur garantiu a segurança do 16º Corpo dessa direção.

O esforço do 6º Exército receberia a prioridade do apoio aéreo. A Luftflotte 2, já um tanto desgastada, recebeu o reforço do 1º Fliegerkorps (vindo da Luftflotte 3), que contava com cerca de 300 bombardeiros médios.

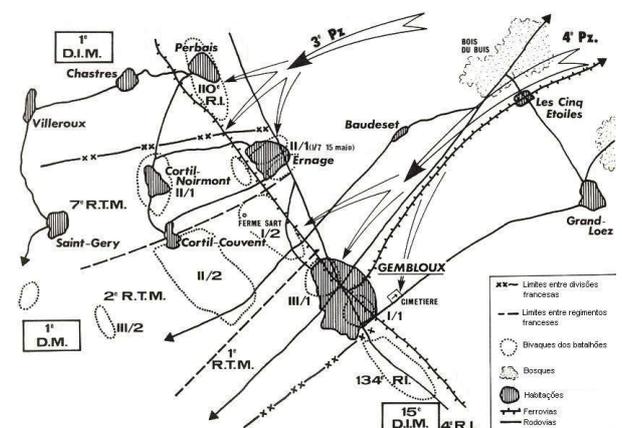
O ataque começaria às 08h00min, tendo como primeiro objetivo a ferrovia de Tilly, bem além da linha de resistência francesa em Gembloux. O

assalto se daria em ambos os lados de Ernage, onde os alemães acreditavam ser o seu ponto fraco, numa frente de menos de 6 quilômetros. Unidades de engenharia iriam reparar as pontes demolidas e limpar os campos minados.

Steiner ordenou que a 4ª Brigada atacasse numa frente de três batalhões, de Gembloux a Ernage. A artilharia faria uma preparação de 30 minutos sobre as linhas francesas e então dispararia fumaça para cegar os franceses em Gembloux, depois do que iria se concentrar no trabalho de contrabateria. Canhões antiaéreos foram levados para a frente para neutralizar casamatas (que, na verdade, não existiam). Uma vez que a infantaria conseguisse cruzar a ferrovia, a 5ª Brigada Panzer iria explorar a penetração em direção a Nivelles.

Stumpff, na 3ª Panzer, também deu preferência a usar a infantaria na vanguarda, confiando no apoio dos Stukas e da artilharia, com pouco apoio de blindados. Ele deveria atingir duas colinas a oeste da linha Chastre-Noirmont. O grosso dos blindados alemães ficaria em reserva, aguardando o momento de explorar a ruptura quando chegasse a hora.

A direita do 16º Corpo, o 4º Corpo realizaria um esforço concentrado na região de Ottignies.



A Batalha de Gembloux.

A manhã de 15/05/40 estava limpa e quente. Observadores avançados franceses informaram a concentração de cerca de 300 tanques, acompanhados de colunas de infantaria motorizada.

A preparação de artilharia irrompeu às 07h30min e às 08h00min a infantaria da 4ª Brigada partiu para o ataque. Dez minutos depois, sem qualquer razão para isso, foi dado o sinal para os tanques avançarem, porém, outros dez minutos mais tarde, a artilharia francesa abriu fogo e deteve a sua progressão. De fato, o emprego dos blindados havia sido totalmente prematuro, uma vez que os obstáculos antitanques não haviam sido superados. Antes das 10h00min, a 5ª Brigada Panzer já

havia sofrido baixas pesadas, sendo detida antes da ferrovia. Quando o QG da 5ª Brigada questionou a falta de progresso da infantaria, recebeu como resposta que o ataque era “sem esperança”. Eventualmente, vários tanques alemães atravessaram o obstáculo antitanque diante de uma grande fábrica que sua artilharia havia bombardeado e, sob sua cobertura, a infantaria começou a avançar. Mas os canhões antitanques franceses engajaram os tanques, que abandonaram a infantaria. Finalmente, os alemães tentaram realizar uma carga, movendo-se em contato cerrado com a infantaria francesa, mas eles não progrediram mais do que 300 metros na área da rodovia.

Pelas 10h00min, uma companhia do 2º Batalhão do 12º Regimento de Acompanhamento havia conseguido atingir a ferrovia em Gembloux, mas a um alto preço. Pelas 11h00min, a infantaria alemã havia sido completamente fixada no terreno pelo nutrido fogo francês. Pouco depois, o contato de rádio com a 5ª Brigada Panzer foi perdido e os tanques estavam sendo atingidos um por um. O 36º Regimento Panzer ainda tentou explorar uma brecha perto de Loncée, mas o fogo da 15ª DIM o repeliu.

Ao amanhecer do dia 15, o 3º Batalhão do 3º Regimento de Acompanhamento (3ª Divisão Panzer) estava em posição a nordeste de Ernage, mas os 1º e 2º Batalhões (ao norte e noroeste da localidade, respectivamente) haviam se deslocado demais para a direita, abrindo uma brecha na linha alemã. Isso fez com que a maior parte do regimento acabasse se envolvendo na luta por Perbais, defendida pelo 110º Regimento de Infantaria (RI²⁶), da 1ª DIM, enquanto a artilharia e a aviação alemãs arrasavam Ernage.

A infantaria alemã atacou Perbais por volta das 09h15min, mas, pelas 11h00min já estava detida pelo mortífero fogo francês. O 2º Batalhão foi particularmente infeliz, sendo alvejado pela sua própria artilharia, que estava disparando através de coordenadas no mapa. Enquanto os comandantes dos 1º e 2º Batalhões se reuniam para coordenar seus esforços, o 3º Batalhão foi enviado para fechar a brecha.

O oficial de operações do 16º Corpo Motorizado (ironicamente, de descendência francesa) criticou o comando da 3ª Divisão Panzer por não interferir com os blindados quando sua infantaria foi detida. O I/110º RI suportou todo o peso do bombardeio e as infiltrações da infantaria alemã em Ernage ameaçaram o seu flanco direito. O III/110º RI, mais ao norte, foi forçado a recuar e, a despeito do auxílio de peças antitanques e do batalhão da reserva divisional, a situação do 110º RI continuou precária.

O esforço principal do 16º Corpo havia se abatido sobre os 2º e 7º RTM, onde o terreno era mais favorável aos tanques. Em um ponto, os atacantes ficaram presos em um campo recém-arado, sem cobertura, como escreveu posteriormente o Cabo Matthias, da 3ª Companhia do 12º Regimento: “nós nos enterramos como galinhas na poeira”. A fazenda de l'Agasse, importante ponto de apoio entre o setor do III/1º RTM (ao sul da linha Gembloux-Fleurus) e I/2º RTM (ao norte), foi palco de violentos combates.

No setor do 2º RTM, após um bombardeio preliminar, apareceram tanques acompanhados de infantaria. Cerca de 15 Panzer III rumaram para a boca do camuflado canhão antitanque de 25 mm comandado pelo cabo Louis Brindejenc, que destruiu 2 deles em menos de 5 minutos. Os demais trataram de se ocultar enquanto a inconveniente peça não era silenciada. Subitamente, um tanque alemão apareceu no flanco do canhão, forçando a sua guarnição a girá-lo à mão, logrando destruir o intruso que havia conseguido atravessar a linha férrea. Igual fim teve outro tanque que o acompanhava. Ao longo da batalha, somente a peça de Brindejenc havia destruído 7 tanques alemães, sendo 4 Panzer III. Pouco depois, o canhão foi destruído por uma granada de morteiro, perecendo dois membros da guarnição. Por volta do meio dia, o 2º RTM já havia perdido sete pelotões em combate.

Entre as 08h00min e as 15h00min, os ruidosos Stukas se fizeram presentes em todo o palco de luta, se concentrando na artilharia francesa. A única aparição da aviação aliada no dia foram duas incursões de metralhamento feitas por 6 caças. Os aviões de observação e reconhecimento franceses foram especialmente caçados pela flak e pelos caças alemães e, pelo dia 15, a maioria dos aviões de reconhecimento e observação já havia sido abatida.

Durante a noite anterior, as baterias de 75 mm postadas na primeira linha como armas antitanques retornaram aos seus batalhões, talvez por se considerar que a ameaça da infantaria alemã fosse maior que a dos tanques. Duas baterias foram arrasadas pelos Stukas, embora mais tarde elas voltassem à ação, e houve pânico em um batalhão de reservistas. Um batalhão de 105 mm da artilharia de Corpo, que ainda não havia participado da batalha, foi atingido e sofreu baixas. Seu comandante então solicitou uma missão de fogo para recuperar o moral de seus homens.

Mais uma vez, o ataque alemão foi desorganizado pela forte reação da artilharia francesa, que fez os veteranos da Grande Guerra lembrar os maus tempos de 1914-18. As linhas de comunicação alemãs foram seriamente prejudicadas, unidades de artilharia receberam suas ordens

²⁶ *Régiment d'Infanterie.*

muito tarde e os observadores avançados não conseguiram alcançar as posições determinadas. Às 10h30min, um batalhão de artilharia pesada teve que se deslocar, pois havia sido localizado pelos seus congêneres franceses e estava recebendo fogo de contrabateria. Os Stukas e a artilharia haviam fracassado na missão de silenciar os canhões franceses e o tremendo gasto de munição deixara a artilharia germânica quase a zero.



Posição da artilharia francesa. A peça é um Canon de 155 mm Court Mle 1917.

Cerca de 50 tanques alemães haviam sido destruídos pela artilharia francesa – de campanha e antitanque. Só o 35º Regimento perdeu 9 Panzer I, 9 Panzer II, 6 Panzer III, 8 Panzer IV e 2 tanques de comando.

O Coronel Breith ficou junto do 35º Regimento. Quando a infantaria foi detida, ele e alguns oficiais deixaram seus veículos blindados e tentaram exortar os homens a atacar as posições de canhões antitanques (foram observadas algumas minas abandonadas no terreno). Foram feitos alguns prisioneiros e um canhão de infantaria foi trazido para adicionar seu poder de fogo ao ataque. Os tanques então começaram a avançar e, logo em seguida, o tanque de comando de Breith foi atingido, ficando fora de combate. Breith foi ferido no rosto e o veículo foi abandonado. Um tanque leve enviado para resgatá-lo foi alvejado quatro vezes, mas teve a sorte de se retirar.

Todos os Panzer IV da 4ª Companhia foram incapacitados e o tanque de comando de Eberbach foi destruído mais uma vez. Ficou evidente que avançar nessas condições era impossível e, pelas 12h30min, Eberbach recusou-se a renovar o ataque.

Hoepner solicitou um novo ataque aéreo para as 12h00min, o qual foi realizado por cerca de 90 Stukas contra pontos-fortes, postos de comando e posições de artilharia em torno de Ernage e Gembloux. Algumas posições da artilharia france-

sa foram localizadas pela orientação pelo som e destruídas, obrigando o restante da artilharia divisionária a se reposicionar, dando uma inesperada e bem-vinda trégua aos atacantes. Embora a artilharia da divisão marroquina tivesse sofrido perdas sensíveis, a artilharia da sua vizinha, a 15ª DIM, deu uma ajuda significativa.

Também às 12h00min, os tanques da 4ª Divisão Panzer receberam ordem de recuar para suas linhas de partida. Às 13h00min, a infantaria divisional também se retirou, embora alguns grupos só conseguissem retrair à noite. O Cabo Matthias anotaria mais tarde: “Aqui estamos há mais de 10 horas sob essa chuva de fogo e não progredimos mais do que 50 metros”. Houve mesmo um princípio de pânico no 1º Batalhão do 12º Regimento e os engenheiros anexados à unidade simplesmente abandonaram suas posições. Foi necessária a intervenção dos oficiais do 2º Batalhão do 33º Regimento de Acompanhamento (parte da 4ª Brigada) para restaurar a situação. O Tenente Fridjof Hildebrand foi morto enquanto tentava encorajar as tropas em fuga.

Às 14h00min, Stever foi ao QG do 33º Regimento para estimular os seus comandados a um novo esforço, mas ele foi ferido por uma granada da artilharia francesa e evacuado. Como o Coronel Breith, comandante da 5ª Brigada Panzer, estava fora de contato, o Coronel von Boyneburg, comandante da 4ª Brigada de Acompanhamento, assumiu interinamente o comando da divisão.

Por volta das 14h00min, Hoepner cancelou definitivamente o ataque da 4ª Panzer. Às 15h00min, von Boyneburg informou a Hoepner que a 5ª Brigada Panzer estava detida na ferrovia e que a 4ª Brigada havia sofrido pesadas baixas. Informou ainda que não via expectativas de êxito, achando duvidoso que a tropa tivesse condições de atacar novamente no dia 16. Às 15h40min, Breith retornou ao QG da divisão (ele havia ficado 3 horas escondido num buraco de granada sob pesado fogo de artilharia).

Como a 3ª Panzer ainda estava engajada em Ernage, Hoepner planejou reforçar o ataque com as 20ª e 35ª Divisões de Infantaria. Logo, porém, concluiu-se que um novo ataque não poderia contar com a destrojada 4ª Panzer²⁷.

A situação da 3ª Panzer era um pouco melhor, pois a divisão ainda tinha tanques em reserva e um batalhão de infantaria que ainda não havia sido pesadamente envolvido no combate.

Durante a tarde, o 3º Regimento reorganizou o seu ataque e o 75º Regimento de Artilharia (a artilharia divisional da 3ª Panzer) conseguiu esta-

²⁷ As perdas totais da divisão apenas no dia 15 haviam sido de 32 tanques (26 irrecuperáveis), 113 mortos, 434 feridos e 29 desaparecidos.

belecer observadores avançados, permitindo que seu fogo fosse mais eficiente do que havia sido pela manhã. Com o apoio dos Stukas e de alguns tanques que haviam conseguido chegar, a infantaria alemã finalmente conquistou Perbais, a despeito de pesadas baixas, e avançou até a linha ferroviária.

A perda de Perbais expôs o flanco do 7º RTM em Ernage e a unidade não tinha mais tropas para empenhar. O ponto fraco da linha francesa estava localizado então no setor de Ernage, na junção entre o 7º RTM, da 1ª DM, e o 110º RI, da 1ª DIM. Percebendo a situação, os alemães pediram apoio aéreo e renovaram seus ataques, forçando o 7º RTM a retirar-se paulatinamente para a linha ferroviária.

Os alemães afinal haviam cruzado a ferrovia ao norte de Ernage, enquanto Perbais e Chastre (no setor da 1ª DIM) haviam caído, ameaçando o flanco esquerdo do 4º Corpo. O 2º RTM havia sofrido baixas pesadíssimas e começava a ficar com escassez de munição, a qual tinha que ser levada ao front por transportadores Chenillettes UE sob fogo. O volume de fogo francês diminuiu em consequência e isso encorajou alguns tanquistas alemães a tentar flanquear as posições francesas, mas eles foram localizados e 7 foram logo postos fora de combate.



Chenillette UE, pequeno e versátil veículo blindado francês, cumpriu uma infinidade de tarefas.

O 7º RTM havia perdido o contato com o 110º RI por volta do meio dia e uma companhia foi cercada em Ernage.

Durante a tarde, a 18ª Divisão alemã, ao norte da 3ª Panzer, informou a presença de tanques franceses na região e foram então despachados canhões antiaéreos de 88 mm e tanques para Perbais para lidar com a suposta ameaça. Por volta das 18h30min, a 18ª Divisão se viu sob o ataque de blindados franceses em ambos os lados de Corbais.

Às 12h30min, a linha francesa recuou para Cortil-Noirmont e o Capitão Gracy, no comando do I/7º

RTM, autorizou a companhia do Tenente Jouval, então cercada em Ernage, a se retirar, a despeito das ordens que proibiam qualquer recuo. O General Mellier removeu Gracy de seu comando e a companhia permaneceu lutando até só restarem 12 sobreviventes feridos, que afinal se renderam quando se esgotaram todos os seus recursos. Numa demonstração do antigo élan francês, vários soldados do 7º RTM realizaram cargas de baioneta. Ernage finalmente caiu por volta das 18h00min e, na luta por ela, duas companhias do I/7º RTM haviam sido aniquiladas.

O 1º RTM, por sua vez, foi forçado a se retirar para Gembloux, mas manteve a cidade a despeito da penetração de tropas alemãs pelo oeste, pela ferrovia Gembloux-Nivelles. Por volta das 13h00min, potentes ataques aéreos foram seguidos de renovados assaltos por tanques e infantaria, enquanto a atuação da Luftwaffe na retaguarda francesa retardava o contraataque. O bombardeio alemão causou algumas baixas e até algum pânico entre as guarnições de artilharia.

Em Sart, posto de comando do I/2º RTM, a aviação e a artilharia alemãs realizaram bombardeios e metralhamentos. Nos bosques próximos, um grupo de morteiros de 81 mm, outro de 60 mm, uma seção de metralhadoras e uma bateria de canhões antitanques de 47 mm continuaram a resistir. A fazenda Sart, em chamas, acabou evacuada sob a proteção de tanques e os franceses recuaram para a última linha de defesa.

Circulando ao longo da frente em sua motocicleta, Mellier concluiu que o centro e a direita de sua linha estavam firmes, mas a ameaça alemã em Ernage e ao longo da ferrovia Gembloux-Nivelles tinha que ser enfrentada. Ele decidiu restabelecer o contato com a 1ª DIM ao norte, próximo a Cortil-Noirmont, e retomar a linha principal usando a reserva do Corpo (III/7º RTM e elementos da brigada do General La Font, os quais já haviam sido transferidos para o 3º Corpo sem o seu conhecimento). No centro, a reserva da divisão (III/2º RTM e o 35º BCC) seria empenhada em contratacar as forças alemãs na ferrovia Gembloux-Ernage.

Por volta das 14h00min, o III/7º RTM restabeleceu o contato com o 110º RI em Villeroux, após ser atacado por Stukas durante a marcha de aproximação (dois dos Stukas teriam sido abatidos por um caça solitário). No entanto, a situação continuou crítica e o QG do 7º RTM, bem como o seu batalhão de artilharia de apoio, começaram a se retirar para St. Gery, mas a retirada acabou sustada pelo General Mellier em pessoa.

Às 16h00min, as duas companhias remanescentes do I/7º RTM abriram caminho à força e recuaram, restabelecendo a linha para Chastre e estabilizando a situação. O III/7º RTM recebeu ordens

de se entrincheirar em Les Communes, apesar do seu comandante ter sido ferido pela artilharia alemã. O I/2º RTM, à sua direita, também sofreu bastante e houve sinais de pânico entre as tropas esgotadas. Mellier enviou a informação de que um contrataque estava sendo organizado e a linha se manteve. As duas companhias francesas na ferrovia foram subjugadas, mas os alemães foram detidos na rodovia algumas centenas de metros além. A 5ª Companhia em Cortil-Couvent observou a existência de armas pesadas abandonadas por suas guarnições. A 1ª Companhia do I/2º RTM retirou-se nessa noite para uma linha provisória, onde os últimos cartuchos foram distribuídos.

Ao se deslocar para suas posições de partida pela estrada de Brunehaut, em direção a Sart-Enage e l'Agasse, o grupamento formado pelo III/2º RTM e o 35º BCC foi detectado pela Luftwaffe e, por volta das 12h00min, cerca de 80 Stukas atacaram a força francesa durante uma hora. As cidades de Ardennelles e Cortil-Couvent foram pesadamente bombardeadas. Embora as perdas tivessem sido leves, o ataque teve que ser adiado. O grupamento só se reuniu novamente pelas 14h30min e o ataque pôde prosseguir. Um avião de observação alemão continuou a vigiar a força francesa e assinalava a sua posição com fumaça violeta. Entre as 16h30min e as 17h00min, 3 caças aliados forçaram o avião alemão a fugir, mas o balão de observação em Grand Leez continuou operando.

O fogo alemão conseguiu separar os blindados franceses de sua infantaria, um tanque foi lançado ao ar pela explosão de uma bomba, ficando de cabeça para baixo, e o apoio de artilharia foi interrompido, mas, ainda assim, os tanques avançaram cerca de 300 metros à frente das companhias de fuzileiros e lograram progredir lenta, mas, firmemente. A linha de detenção foi atingida pelas 16h30min. Os canhões antitanques alemães de 37 mm demonstraram toda a sua inutilidade diante das blindagens francesas (algumas guarnições fugiram sem sequer disparar suas armas) e foram facilmente postos fora de combate. Contudo, os franceses também amargaram sérias perdas entre seus R-35 para a artilharia de campanha alemã (o tanque de comando foi destruído por uma mina antitanque francesa). A despeito disso, a infantaria permaneceu ao lado deles.

Os franceses trouxeram uma companhia de reserva e renovaram o ataque com o apoio de morteiros, forçando os alemães a se retirar pelas 18h30min, mas o avanço acabou detido pelos panzers. Ainda assim, por volta das 20h00min, a força francesa ocupou a linha férrea e as tropas alemãs tiveram que se retirar para além da ferrovia. Pelas 21h00min, a linha original francesa no

setor estava plenamente restabelecida e a infantaria reocupou as posições anteriormente perdidas. O III/2º RTM havia perdido cerca de 170 homens (incluindo de 10 a 15 oficiais e sargentos) e 17 R-35 foram imobilizados ou destruídos. Os alemães também sofreram perdas sérias, aumentadas ainda mais quando dois contrataques foram repelidos. Os alemães acabaram retrocedendo para suas linhas originais de partida em torno do bosque de Buy e os R-35 que permaneciam operacionais recuaram para Cortil-Couvent para se reabastecer, enquanto o serviço de recuperação de veículos tentava rebocar e consertar os tanques avariados.

Na frente da 15ª DIM, todos os movimentos alemães foram quase que imediatamente identificados e bloqueados pelo arrasador fogo da artilharia e das armas de infantaria. Em alguns pontos, a linha ferroviária não representava um obstáculo antitanque, especialmente em um trecho de 600 metros no setor defendido pelo 134º RI. O 36º Regimento Panzer tentou penetrar nesse ponto, mas foi detido pelo bem coordenado fogo francês e pelas minas antitanques. Por fim, após perder 15 tanques, os alemães deram-se por satisfeitos e recuaram. Por volta das 18h30min, vários tanques que tentaram atacar o front do 4º RI em Beuzet tiveram o mesmo fim, caindo vítimas dos canhões antitanques franceses de 25 e 47 mm. Ao anoitecer, os derrotados e desmoralizados alemães retiraram-se para Les Cinq Etoiles e para o bosque de Buy.

Enquanto isso, o 4º Corpo alemão combatia a noroeste. Tentativas de atravessar o Dyle fracassaram e os alemães tiveram que organizar ataques sistemáticos para repelir os franceses para Ottignies por volta das 10h00min. A 7ª Divisão de Infantaria alemã preparou um ataque a Limal, enquanto a 31ª iria se reagrupar antes de engajar os britânicos ao norte de Wavre. Os alemães tiveram êxito em estabelecer uma cabeça de ponte em Limal, mas foram forçados a abandonar suas posições ali na manhã de 16/05/40. A 2ª Divisão de Infantaria britânica realizou um contrataque contra a 31ª Divisão alemã que a abalou seriamente, facilitando a retirada francesa. Durante todo o dia, o 3º Corpo francês se viu envolvido em pesado combate, embora somente o 110º RI enfrentasse tanques. A 2ª DINA não conseguiu evitar as infiltrações alemãs e, por volta do meio dia, os defensores recuaram para Ottignies. Houve ocasiões em que o 3º Corpo teve que fazer um esforço tremendo, mas foi sempre bem sucedido em impedir uma ruptura de sua linha.

Duas companhias do 3º Batalhão do 3º Regimento de Acompanhamento, com o apoio de alguns tanques, conseguiram avançar para oeste por volta das 18h00min. A despeito da tenaz resis-

tência francesa em Chastre²⁸, a infantaria alemã conseguiu romper o obstáculo antitanques a noroeste de Ernage e atingir as duas colinas a oeste de Noirmont, o objetivo original da 3ª Panzer no dia anterior. Elementos do 2º Batalhão, que até então estavam mantendo a linha de frente, avançaram. Um grupo de infantaria apoiado por um tanque contratou o flanco alemão aberto e o 6º Regimento Panzer enviou reforços, incluindo 1 Panzer III e 5 Panzer I. Um grupo de 12 tanques franceses, seguidos por infantaria marroquina, atacou a posição alemã, mas os alemães conseguiram destruir 6 tanques franceses e dispersar a infantaria. Em seguida, o grupo, reforçado com metralhadoras pesadas, avançou outros 2 quilômetros sem perdas, capturando muito material, mas ficando sem munição. Nesse momento, os franceses voltaram a abrir fogo e dois tanques apareceram, destruindo o Panzer III e 3 dos Panzer I. Depois disso, o 3º Batalhão foi detido pelo batalhão de reconhecimento divisional na área de Cortil-Noirmont.

Pelas 18h00min, a infantaria alemã continuava sendo bombardeada e o rumor da aproximação de tanques franceses fez com que alguns elementos comesçassem a se retirar de Perbais, obrigando o comando alemão a enviar tanques para impedir uma debandada. Hoepner finalmente ordenou que as unidades avançadas da 3ª Panzer mantivessem suas posições, mas, nesse meio tempo, praticamente todo o 3º Regimento e seus tanques de apoio já haviam se retirado. Os 1º e 2º Batalhões estavam exaustos e não haviam sido reabastecidos por 36 horas. Às 20h54min, uma ordem do 16º Corpo suspendeu o ataque, seguida de outra ordem do comando da brigada, que mandava o 3º Batalhão retroceder para trás da ferrovia. A oportunidade de romper as defesas francesas, se é que existiu, havia passado.

Tendo começado o dia com um otimismo injustificado, o comando alemão agora assumia uma postura diametralmente oposta. Hoepner havia concluído que não seria capaz de continuar a operar eficientemente no dia 16. Além da redução do seu efetivo blindado, a sua artilharia também estava sem munição. A artilharia pesada, em particular, tinha que esperar que ela viesse de um depósito situado em Maastricht, na Holanda, pois todos os outros estavam vazios. Um novo ataque contra Gembloux não seria possível antes do dia 17 e, mesmo assim, sem alimentar esperanças de uma rápida e fulminante ruptura. De fato, os soldados de Hoepner estavam tão exaustos que

sequer perseguiram os franceses quando estes iniciaram a retirada geral. Reichenau, por sua vez, decidiu em favor de uma ofensiva geral por todo o Exército que não ocorreria antes do dia 17. Às 20h00min, um mapa capturado chegou ao comando da 3ª Panzer, mostrando o dispositivo francês. O oficial de inteligência da divisão concluiu que a situação era propícia a uma nova tentativa de ruptura. Ele seguiu para o QG do Corpo para propor isso, mas a ideia ia de encontro às ordens já emitidas pelo 6º Exército e foi posta de lado.

O 4º Corpo francês havia suportado tudo o que um corpo Panzer podia jogar nele e manteve suas linhas. Tanto o 7º RTM em Ernage quanto o 110º RI em Perbais combateram galantemente antes de ceder qualquer terreno. Durante dois dias, a Luftwaffe fez tudo o que pôde para abrir caminho para os panzers, sem lograr neutralizar a defesa francesa. O 1º Exército francês havia detido o avanço do poderoso 6º Exército alemão pela “Brecha de Gembloux”. As linhas francesas nunca foram rompidas. Não haveria *Blitzkrieg* aqui.

Mas foi tudo em vão. Ao sul, sete divisões Panzer já haviam rompido a linha do 9º Exército francês e estavam correndo para o Canal da Mancha, fechando a arapuca em que placidamente se metera todo o 1º Grupo de Exércitos. Por volta das 20h00min de 15/05/40, o 1º Exército recebeu ordens de recuar para a região de Arras, Valenciennes e Tournai, pivotando em Wavre, sob a cobertura do 4º Corpo. Nessa noite, ambos os adversários no causticado campo de batalha de Gembloux retiraram-se – os alemães para escapar dos inimigos à sua frente e os franceses para escapar dos inimigos à sua retaguarda. A posição que havia sido defendida tão tenazmente e a custo tão alto, agora tinha que ser entregue ao inimigo.

A 16/05/40, como num efeito dominó, o 1º Exército francês, a BEF, os belgas e o 7º Exército francês foram obrigados a se retirar, em muitos casos sem ter dado um tiro sequer, para evitar serem flanqueados pelo sul. Os aliados tiveram que abandonar suas posições preparadas no Dyle para cavar trincheiras às pressas atrás do Canal Scheldt. A retirada precipitada provocou a rápida deterioração da defesa do setor central da frente belga, o que permitiu à Wehrmacht avançar rapidamente para o território francês e dominar o centro da Bélgica.

Desfecho

Taticamente, Gembloux foi uma notável vitória defensiva francesa. O poderio da parceria infantaria-artilharia francesa sobrepujou a até então imbatível dupla panzer-stuka. O emprego maciço

²⁸ Fontes alemãs mencionam alguns tanques Hotchkiss, que seriam da 3ª DLM, mas essa divisão já havia sido retirada.

de aviação e da artilharia acompanhado de um assalto liderado pelos tanques poderia ter neutralizado as defesas francesas, mas a intenção inicial de Hoepner de aproveitar o impulso, julgando estar diante de posições despreparadas, fez com que ele incorresse no grave erro de subestimar o inimigo. Divisões francesas de 1ª classe, adequadamente treinadas e equipadas e de moral alto, defendiam frentes de cerca de 6 quilômetros, tendo se organizado no terreno e preparado um plano de fogos. Ainda que as defesas fossem na verdade improvisadas, eram, não obstante, consistentes o suficiente para deter o tipo de ataque que os alemães eram capazes de realizar. Em Gembloux, a *Blitzkrieg* não foi apenas detida – ela foi humilhada.

Grande parte desse êxito se deveu, certamente, à seriedade com que o comando francês tratou da questão da “Brecha de Gembloux”. Em outros setores “menos importantes”, as forças francesas não tiveram a mesma sorte. Por exemplo, a 55ª Divisão de Infantaria, uma unidade da “Série B”, postada no front de Sedan, não tinha canhões antitanques em seus regimentos de infantaria e apenas 12 na companhia antitanque divisional. Na 71ª Divisão, outra unidade da “Série B”, a situação era ainda pior, pois ela tinha apenas 8 canhões. Essas unidades de 2ª classe e subequipadas foram desdobradas em frentes de 20 a 30 quilômetros, quando o correto seria de 5 a 7, no que seria o setor mais crítico de toda a frente aliada.

Em termos estratégicos, porém, a batalha foi inconclusiva. Para a Wehrmacht, ela fixou o exército francês mais poderoso longe de seu ponto de ruptura decisiva em Sedan, o que permitiu aos alemães atingir os objetivos estratégicos previstos no “Caso Amarelo”. No entanto, o 1º Exército francês, embora maltratado, sobreviveu para lutar novamente, enfrentando os alemães em Lille e dando tempo para as forças britânicas escaparem por Dunquerque.

Na batalha de Gembloux, as perdas foram pesadas de ambos os lados. A 1ª Divisão Marroquina pagou um alto preço por seu êxito, perdendo cerca de 2.000 homens. O I/2º RTM estava agora reduzido a 74 homens de um efetivo original de 700, enquanto o III/2º RTM havia perdido 35% de seu efetivo. O I/7º RTM foi reduzido a 80 homens e ao II/7º RTM restaram apenas 150. Dos 45 R-35 do 35º BCC que participaram da batalha, apenas 6 continuavam operacionais. Ao todo, os franceses tiveram cerca de 2.250 baixas. As perdas em oficiais, cuja liderança era fundamental, principalmente entre as tropas coloniais, foram particularmente pesadas.

Do lado alemão, a 3ª Divisão Panzer havia perdido de 20 a 25% de seus blindados. A 4ª Panzer

havia sofrido bem mais, entre 50 e 55%. A 16/05/40, restavam a ela apenas 137 tanques operacionais (dos quais apenas 20 eram Panzer III e 4 Panzer IV) de um efetivo original de 314. O 12º Regimento de Acompanhamento havia perdido 30% de seus oficiais e o seu 1º Batalhão foi virtualmente aniquilado, ficando reduzido a 4 oficiais e 31 homens de um efetivo original de mais de 700. O 3º Regimento de Acompanhamento havia perdido 15 oficiais e 184 homens. Ao 654º Batalhão Caça-tanques haviam restado apenas 2 de seus 12 canhões originais. Em termos gerais, os alemães perderam mais de 200 veículos blindados, o que representa algo em torno de 35% da força blindada empenhada, além de sofrer 2.432 baixas. Por outro lado, somente de 10 a 12 aviões alemães haviam sido abatidos durante toda a batalha, uma clara indicação da ineficácia da arma antiaérea e da caça francesa.



Um S-35 e um H-35 postos fora de combate. Uma alta proporção de Hotchkiss foi destruída por tiros de canhão, mas, no caso dos S-35, uma significativa quantidade deles foi perdida meramente por erros de direção e enguiços.

Conclusões:

Uma questão levantada pela surpreendente derrocada francesa na campanha de 1940 foi a da alegada superioridade numérica alemã. No dia 10 de maio de 1940, o Exército alemão contava com 157 divisões, mas uma significativa parcela desse total estava ocupada servindo de guarnição na Polônia e na Noruega e em reserva ou treinamento na Alemanha. Para emprego no front ocidental, os alemães dispunham de 117 divisões, sendo 92 na primeira leva da invasão. Os franceses contavam com 115 divisões (incluindo duas polonesas), das quais 94 foram alocadas na Frente Nordeste. Contando as 10 divisões britânicas, as 24 belgas e as 10 holandesas, temos então o total de 138 divisões aliadas. Ao todo, a Alemanha

havia mobilizado 2.758.000 homens, contra os 2.776.000 da França. De imediato observa-se que, numericamente, não havia nenhuma superioridade alemã.

Ao todo, os aliados (franceses, belgas, britânicos e holandeses) somavam cerca de 14.000 peças de artilharia – só os franceses contavam com 10.700. A Alemanha somava cerca de 7.700, ou seja, apenas cerca de 55% do quantitativo aliado. Apenas em artilharia antiaérea a Alemanha levava nítida vantagem – 9.300 contra os cerca de 3.000 aliados, um reflexo da importância relativa que cada oponente dava à aviação.

Os franceses tinham 3.254 tanques (se acrescentarmos as modestas forças blindadas britânica e belga o número chega a 3.383) que se bateriam com 2.445 tanques germânicos. Além disso, os franceses possuíam mais transporte motorizado que os alemães – sem falar nos britânicos, cujas forças eram totalmente motorizadas.

Outra das questões que a Batalha de Gembloux esclarece de forma definitiva é o mito da superioridade técnica alemã como um dos fatores da sua vitória em 1940. Praticamente todas as máquinas francesas eram tão boas ou melhores que as alemãs. Fuzis, metralhadoras, morteiros e canhões estavam em pé de igualdade, a despeito de muito material francês datar ainda da Grande Guerra, mas que eram equipamentos confiáveis e que a tropa tinha completo domínio do manuseio. E, afinal de contas, para quem está tentando sobreviver sob um bombardeio de artilharia, pouco importa se o canhão que está tentando matá-lo foi fabricado em 1910 ou 1940.

Na arma blindada é que fica patente a maior discrepância. Classe por classe, todos os tanques franceses eram superiores aos seus pares germânicos. O veículo de lagarta com blindagem leve e armado apenas de metralhadora que os alemães chamam de “Panzer I”, os franceses chamam de *Automitrailleuse* (autometralhadora), ou seja, não é sequer chamado de *Char* (tanque). A referência ao fato de que o Panzer IV podia enfrentar os tanques franceses finge ignorar dois detalhes importantes: 1º - o Panzer IV não foi projetado para combate entre tanques, mas, sim, para apoio à infantaria, pois seu canhão curto de 75 mm de baixa velocidade destinava-se a disparar alto-explosivo; 2º - a contraparte francesa dele era o Char B, com um canhão mais potente de 75 mm e outro antitanque de 47 mm, com uma blindagem máxima de 60 mm, ou seja, muito superior ao veículo alemão – mas que não esteve em Gembloux.

No entanto, e parece que essa questão não é comumente abordada, resta-nos perguntar: se os tanques franceses eram assim tão bons, porque os alemães não equiparam suas Divisões Panzer

com eles após 1940?

Grande parte da resposta está na torre do tanque francês, que só abrigava um homem. O comandante do veículo era também o artilheiro, que tinha que escolher o alvo, mirar, definir a munição e disparar a arma, tudo isso enquanto comandava o veículo e, se fosse o comandante de pelotão ou companhia, ainda tinha que se preocupar com o que acontecia com os outros veículos de sua subunidade. O comandante alemão, ao contrário, podia se concentrar em suas funções, uma vez que havia um tripulante a mais com a missão de operar o canhão.

Além disso, todos os tanques alemães eram equipados com rádio e o comandante de formações maiores contava com veículos dotados de diferentes tipos de aparelhos, para comunicação a diferentes distâncias e frequências. Assim, as forças alemãs eram capazes de se comunicar por rádio em todos os níveis hierárquicos. Durante a batalha, elas podiam mudar o ponto do esforço principal rapidamente, em função de mudanças na situação, solicitar ataques aéreos, bombardeios de artilharia e até suprimento aéreo. Com isso, a despeito da superioridade técnica e numérica dos aliados, os alemães eram sempre capazes de oferecer respostas rápidas, tendo, a cada momento, a superioridade necessária para vencer um combate localmente.

Os tanques franceses não tinham rádio. Frequentemente, os comandantes tinham que sair dos seus veículos para dar as suas ordens ou era necessário que os veículos se reagrupassem na retaguarda para decidir o que fazer a seguir. Incapazes de manobrar grandes formações, os franceses se viram forçados a operar em pequenos grupos, que podiam ser coordenados por um homem usando bandeirolas ou mesmo a própria voz, com pouca ou nenhuma coordenação com outros meios de combate. Os alemães, ao contrário, praticavam táticas de armas combinadas, integrando no mesmo grupo tanques, infantaria, artilharia e engenharia.

E, por fim, mas não menos importante, os tanques franceses na sua maioria eram lentos, desajeitados e com pouca autonomia. Isso se deveu ao fato de que eles foram projetados para apoio à infantaria e, portanto, não havia necessidade de que eles desenvolvessem uma velocidade muito superior à do homem a pé. A exceção era o S-35 que, como veículo de cavalaria, havia sido projetado para a função tradicional dessa arma, ou seja, a exploração em profundidade na retaguarda inimiga.

Os franceses também não perceberam a importância do avião. Enquanto os alemães tinham mais de 3.000 em maio de 1940, a França dispunha de uns 1.200. Isto representava uma superioridade

ridade alemã de 3 para 1, embora a força de caças fosse mais ou menos igual, se os 130 caças britânicos nas bases da França fossem incluídos – um total de 800 aparelhos aliados, mais ou menos, em comparação com os 1.000 alemães. Porém, os aviões alemães eram superiores a praticamente todos os seus oponentes. O Me 109 era superior a todos os caças aliados que participaram da campanha. Enquanto a Alemanha contava com cerca de 400 bombardeiros de mergulho, a França só podia contar com um punhado de Vought 156-F emprestados da Marinha – e que foram rapidamente massacrados. A França também estava muito inferiorizada em bombardeiros médios: apenas 150 contra os 1.470 da Alemanha. Quando alertado de que a França não tinha aviões na quantidade necessária para a guerra, Gamelin respondeu: “Não temos aviões suficientes? Então faremos a guerra sem eles!”.



Caricatura: a República Francesa sendo obrigada por Hitler e Mussolini a assinar o armistício.

Evidentemente, nada disso foi decisivo em Gembloux. Ali, os franceses lutaram a batalha no terreno que eles escolheram e nas condições que eles definiram. Em Gembloux, os dois exércitos foram a campo com o que tinham de melhor – e os franceses triunfaram.

Gembloux provou que a derrota francesa em 1940 não se explica com os aspectos superficiais que costumam ser destacados em análises militares rotineiras, como efetivos envolvidos ou performances dos equipamentos, como se o desempenho de uma força militar pudesse ser avaliado com uma lógica aritmética.

Busquemos então explicações em outros campos. A situação da liderança francesa era das

mais desanimadoras. O General Maurice Gamelin era o Comandante-em-Chefe das forças terrestres, mas, não, o comandante das forças em campanha. Como isso era possível? Simples: havia um comando intermediário, chamado de Frente Nordeste, que se estendia do Mar do Norte ao maciço do Jura sob o comando do General Alphonse Joseph Georges. Gamelin e Georges não tinham um bom relacionamento e este já havia sido apontado como sucessor daquele. Georges opunha-se ao plano de Gamelin de mover as melhores tropas aliadas para a Bélgica e Holanda e Gamelin, por sua vez, guardou para si diversas prerrogativas de comando, entre as quais as nomeações dos comandantes das unidades sob o comando de Georges. A ligação entre esses comandos refletia a relação entre seus comandantes, evitando-se ao máximo criar situações de conflito entre eles.

O Primeiro-Ministro francês Paul Reynaud desejava descartar Gamelin, que, por sua vez, era protegido do Ministro da Defesa Nacional, Édouard Daladier. Quando Paul Reynaud escreveu a Gamelin dizendo “Apenas uma coisa é importante: a vitória”, este imediatamente respondeu: “Só a França é importante”.

Muitos militares de alta patente não estavam satisfeitos com a situação política da França. A 3ª República estava nas mãos de um governo socialista, o que não agradava aos militares, ainda saudosistas dos tempos da monarquia.

O regime parlamentarista republicano também havia produzido um sistema de conchavos entre partidos e uma cultura de que podia ser mais interessante desmoralizar o adversário político do que efetivamente vencer eleições. A vitória na guerra uniria o país, o que fortaleceria os partidos então no poder. Mas a derrota traria em seu bojo muitas recriminações e bodes expiatórios para serem execrados, desmoralizando e enfraquecendo certas forças políticas.

Praticamente todos os partidos eram contra a guerra. O Partido Socialista havia se empenhado nos anos 20 e 30 em negociações de paz e de desarmamento. O Partido Comunista, que seria naturalmente contra os regimes nazifascistas, praticou uma oposição relutante e causou sérios problemas quando da declaração de guerra. Na ocasião, iludidos com o Pacto Nazi-Soviético de agosto de 1939, seus partidários declaravam que a guerra contra a Alemanha era essencialmente imperialista e contrária aos interesses do operariado. Por outro lado, muitos políticos de direita também se declaravam contrários à guerra contra o país que adotava um sistema político que eles admiravam. Como um país poderia vencer uma guerra com tal desunião e oposição interna?

Uma olhada na disposição das forças aliadas em

maio de 1940 também é muito elucidativa: o 2º Grupo de Exércitos, constituído pelos 3º, 4º e 5º Exércitos e que defendia quase toda a Linha Maginot (das Ardenas até próximo da fronteira suíça) e o 3º Grupo de Exércitos, composto unicamente pelo 8º Exército e que defendia o restante da Linha Maginot e a fronteira suíça, totalizavam entre si o equivalente a 48 divisões. O 1º Grupo de Exércitos, a nata das forças aliadas, contava com 30 divisões, incluindo duas das três divisões blindadas francesas e todas as divisões motorizadas.



O avanço alemão foi bastante prejudicado pelo grande número de tropas que tinham que avançar através da restrita rede de estradas das Ardenas (só o *Panzergruppe* de Kleist tinha mais de 41.000 veículos). Esse imenso exército tinha que marchar através de apenas quatro estradas, o que gerou um tremendo engarrafamento, que começava a leste do Reno e que perdurou por quase duas semanas.

Portanto, a Linha Maginot, que, como linha fortificada, seria capaz de propiciar uma considerável economia de tropas, estava guarnecida por nada menos que 56% das forças disponíveis à Frente Nordeste em maio de 1940. O 1º Grupo de Exércitos se precipitaria pela Bélgica ao primeiro tiro e ao 9º Exército caberia o papel de “dobradiça”, cobrindo a frente das Ardenas, ao lado do 2º Exército.

Os 2º e 9º Exércitos tinham escassez de unidades móveis e não tinham divisões blindadas. Também tinham uma alta proporção de tropas de 2ª classe, acima da idade, com moral baixo e com insuficiência de equipamento moderno. Enquanto isso, ficavam em reserva apenas 7 divisões, incluindo a recém-criada e ainda bisonha 3ª Divisão Blindada francesa. Ainda assim, essa minguada reserva estava postada a leste do ponto de ruptura alemão no Mosa, cobrindo a retaguarda da “inexpugnável” Linha Maginot, o que significa que ela não poderia intervir a tempo em Sedan ou Dinant quando se tornou necessário. Não é para

menos que se tenha dito: “Se Gamelin soubesse das intenções alemãs, ele não poderia ter disposto suas forças de modo mais conveniente para o inimigo”.

A ideia preconcebida de que a região das Ardenas era impassável para grandes forças mecanizadas foi um dos fatores preponderantes para o desastre que ocorreu. Quando os panzers irromperam exatamente ali, não havia reserva estratégica nenhuma para ser lançada contra eles.

Em resumo, uma liderança política que não desejava a guerra e uma liderança militar que se destacou pela incompetência, pela rigidez de pensamento e pelos ciúmes profissionais. Uma população que não nutria nenhum entusiasmo pela guerra e de onde saíram os soldados que deveriam protegê-la do invasor. Com essas circunstâncias, não é de admirar que a França tenha caído como caiu.

Não foi à toa que Napoleão declarou que “na guerra, a importância da moral está para a do material numa relação de três para um”. Do lado alemão, a despeito de todas as suas deficiências, uma nação desejosa de reparar as injustiças que sofrera em Versalhes e unida sob o comando de uma liderança decidida – ainda que bárbara – foi o fator que fez a Alemanha Nazista quase chegar ao domínio de toda a Europa, num Império de terror que duraria mil anos.

Em Gembloux, como em outros poucos lugares, a verdadeira dimensão do dever se manifestou em sua melhor forma e demonstrou que a História poderia ter tomado outro rumo se a nação tivesse estado à altura daqueles que tombaram por ela. Mas, como diz o dito popular, “nenhuma corrente é mais forte que seu elo mais fraco”.